abc PORTUGAIS - FRANÇAIS Portuscale

www.facebook.com/museucombatente.oficial

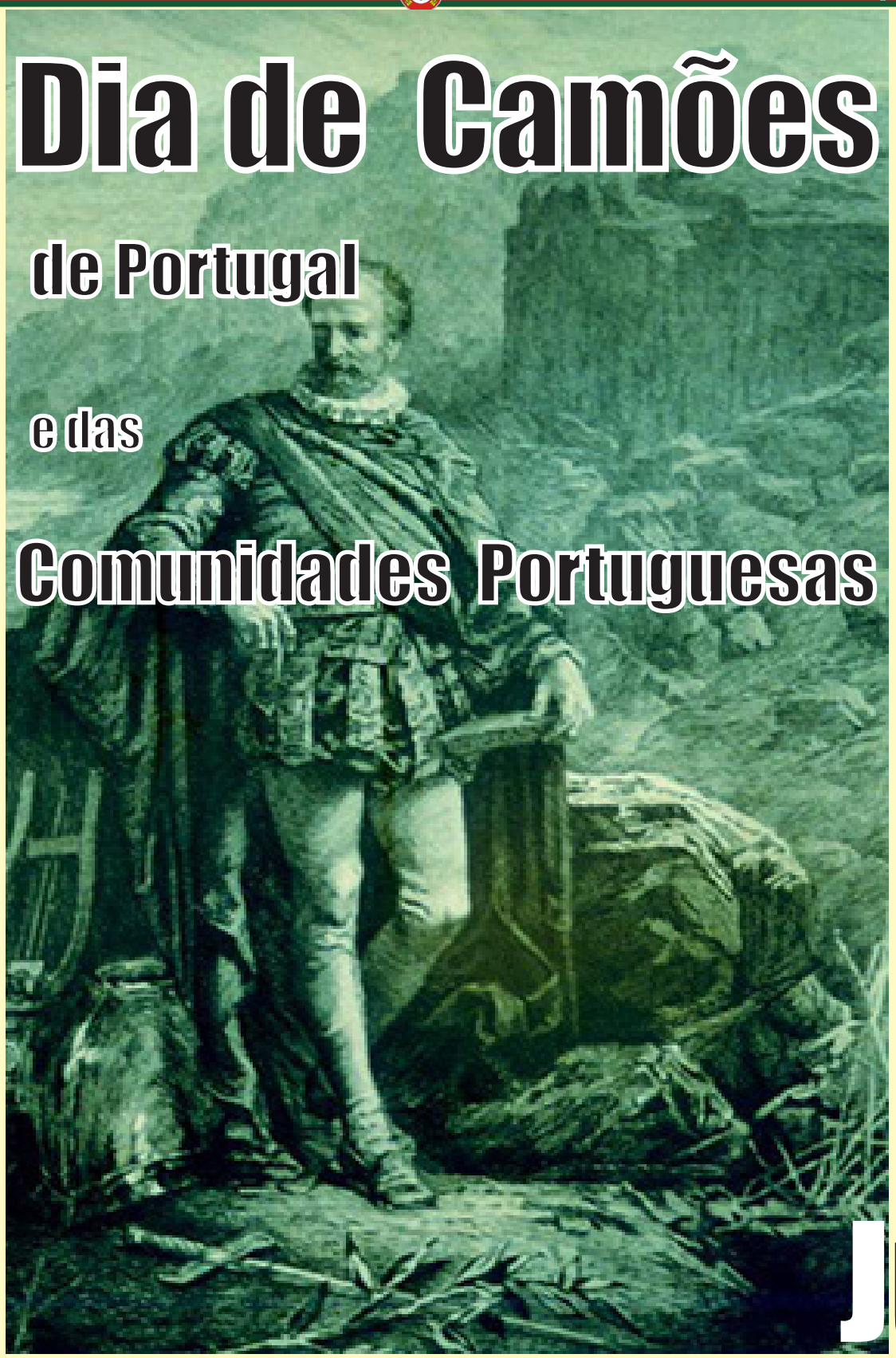
Dia de Portugal

Não ao Acordo Ortográfico

Num. 213 Ano / An 9 - **4 de Junho** / 4 juin 2022

QUÉBEC JORNAL COMUNITÁRIO EM PORTUGUÊS JOURNAL COMMUNAUTAIRE EN FRANÇAIS CANADA

Dia de Camões de Portugal e das Comunidades Portuguesas



CANTO I

As armas e os Barões assinalados
Que da Ocidental praia lusitana
Por mares nunca de antes navegados
Passaram ainda além da Taprobana,
Em perigos e guerras esforçados
Mais do que prometia a força humana,
E entre gente remota edificaram
Noco Reino que tanto sublimaram.

E também as memórias gloriosas
Daqueles Reis que foram dilatando
A Fé, o Império e as terras viciosas
De África e de Ásia andaram devastando,
E aqueles que por obras valorosas
Se vão da lei da Morte libertando,
Cantando espalharei por toda a parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.

Cessem do sábio Grego e do Troiano
As navegações grandes que fizeram;
Cale-se de Alexandro e de Trajano
A fama das vitórias que tiveram;
Que eu canto o peito ilustre lusitano.
A quem Neptuno e Marte obdeceram.
Cesse tudo o que a Musa antiga canta
Que outro valor mais alto se alevanta

E vós Tágides minhas, pois criado
Tendes em mi um novo engenho ardente,
Se sempre em verso humilde celebrado
Foi de mi vosso rio alegremente,
Dai-me agora um som alto e sublimado,
Um estilo grandíloco e corrente,
Por que de vossas águas Febo ordene
Que não tenham inveja às de Hipocrene.

Dai-me ũa fúria grande e sonorosa,
E não de agreste avena ou frauta ruda,
Mas de tuba canora e belicosa,
Que o peito acende e a cor ao gesto muda;
Dai-me igual canto aos feitos da famosa
Gente vossa, que a Marte tanto ajuda;
Que se espalhe e se cante no Universo
Se tão sublime preço cabe em verso.

E vós, ó bem nascida segurança
Da Lusitana antiga liberdade,
E não menos certíssima esperança
De aumento da pequena Cristandade;
Vós ó novo temor da Maura lança,
Maravilha fatal da nossa idade,
Dada ao mundo por Deus, que todo o mande,
Pera do mundo a Deus dar parte grande.

Vós, tenro e novo ramo florecente
De ũa árvore de Cristo mais amada
Que nenhuma nascida no Ocidente,
Cesárea ou Cristianíssima chamada
Vede-o no vosso escudo, que presente
Vos amostra a vitória já passada,
Na qual vos deu por armas e deixou
As que Ele pera si na Cruz tomou);

Vó, poderoso Rei, cujo alto Império
O Sol, logo em nascendo, vê primeiro,
Ve-o também no meio do Hemisfério,
E quando dece o deixa derrradeiro;
Vós que esperamos jugo e vitupério
Do torpe ismaelita cavaleiro,
Do Turco Oriental e do Gentio
Que inda bebe o licor do santo Rio;

Inclinai por um pouco a majestade
Que nesse tenro gesto vos contemplo,
Que já se mostra qual na inteira idade,
Quando subindo ireis ao eterno templo;
Os olhos da real benignidade
Ponde no chão: vereis um novo exemplo
Do amor dos pátrios feitos valorosos,
Em versos divulgado numerosos.

Vereis amor da pátria, não movido
De prémio vil, mas alto e quási eterno,
Que não é prémio vil ser conhecido
Por um pregão do ninho meu paterno.
Ouvi: vereis o nome engrandecido
Daqueles de quem sois senhor superno,
E julgareis qual é mais excelente,
Se ser do mundo Rei, se de tal gente.

Ouvi, que não vereis com vãs façanhas,
Fantásticas, fingidas, mentirosas,
Louvar os vossos, como nas estranhas
Musas, de engrandecer-se desejosas:
As verdadeiras vossas são tamanhas
Que excedem as sonhadas, fabulosas,
Que excedem Rodamonte e o vão Rugeiro
E Orlando, inda que fora verdadeiro.

Por estes vos darei um Nuno ferro,
Que fez ao Rei e ao reino tal serviço,
Um Egas e Dom Fuas, que de Homero
A cítara para eles só cobiço;
Pois polos Doze Pares dar-vos quero
Os Doze de Inglaterra e o seu Magriço:
Dou-vos também aquele ilustre Gama,
Que para si de Eneias toma a Fama.

10 de Junho

Ver na página 11 a chamada de apoio aos Comandos de Portugal

Le Portugal réserve mondiale de bon temps

Visitez Le Portugal

A Chuva e o Bom Tempo

Julgando um dever cumprir, sem descer do meu critério
Digo verdades a rir, Aos que me mentem a sério

António Aleixo 1899-1949

Opinião

ADN Português

Por Raul Mesquita

Sabemos que no mundo há mais de vinte mil ADN's na espécie humana. Tudo veio do cruzamento de povos do planeta que se encontravam geograficamente separados e afirma-se que nós, Portugueses, temos mais afinidades no nosso ADN — que alguns consideram como único —com Bascos, Madrilenos e Berbéres, mais ainda do que com povos Mediterrânicos.

No nosso caso, são sequências genéticas como a (HLA) que nos terão sido deixadas por um dos povos com quem cruzamos na Península Ibérica e nos faz um povo diferente, graças a esse carimbo genético que não se encontra em nenhum outro país do mundo.

Sabemos também, que na Península entre outros, viveram Fenícios, Gregos e Cartagineses, Romanos, Àrabes, Visigodos, Alanos, Vândalos, Vickings, Celtas e Íberos, Celtíberos e Lusitanos, cada qual chegado de outras zonas do globo, com hábitos e culturas diferentes e, a nossa Cultura e conhecimentos iniciou-se com estes cruzamentos, tendo benificiado do nosso espírito de curiosidade que, creio, nunca nos abandonou. O cheiro a mar, a Ilha dos Amores, a simpatia do Deus Baco e a as nossas aventuras, procurando além, o que por vezes temos ao pé da porta,

E foi dessa mistura de gente, expedita e sonhadora que o Português nasceu. Com uma grande ambição : *ser rico.* Bem tratado e conhecido, mas mais bem tratado pela riqueza que normalmente não se envergonha de demonstrar, mesmo que tenha sido obtida por meios ilegais ou condenáveis.

Daí que ninguém se admire de haverem tantos ex-pobres Zé Ninguéns que de um dia para o outro passaram a novos-ricos. Sem qualquer cultura, mas ricos. Dizem que o sonho americano habita quase todos, senão todos, os emigrantes que desembarcaram nestas costas. Encontramos neste grupo, gente de todos os credos e profissões, destacando-se mais recentemente, os deputados de qualquer partido político. São normalmente uma força. Uma força que se torna mais bruta e mais forte, quanto o Partido que representa na Assembleia o será. O curioso de tudo isto, são os partidos de pequeno calibre em Portugal, como o Livre os Verdes ou PAN que com um mínimo de representação política se atrevem a fazer sugestões, sem capacidade para calcular os custos que essas sugestões poderiam originar, se fossem tomadas a sério.

Noutros horizontes, debaixo de outros azimutes, seria talvez interessante que alguém investigasse e se possível contactasse a Associação dos alunos da Universidade de Coimbra, para poder informar-se quem ousou pôr a bandeira dos homosexuais no topo da torre ("cabra") e quem assistiu com o *"Kodak"* nas mãos e largo sorriso (indispensável nestes momentos...) creio nos jardins da casa do PM, (que pensará a senhora sua esposa..?.) ao içar da mesma bandeira pelo mesmo dito responsável do Executivo, sorridente (como é costume. Com ar imbecil...habitual e costumeiro...) É triste. Mas pelos vistos todos gozam com o espectáculo. Como dizem os italianos**: Porca miséria!**

O ADN Português, poderá suportar este tipo de insultos?

Durante bastante tempo tentei perceber quem seria o governante que cobria (no subjectivo...) todos esses canalhas que se comparam deste modo à gente intelectual ou humilde que ainda serão, espero, a maioria do povo Português. Com bem equilibrado ADN.

10 de Junho
Celebrando Portugal

17 horas-Parque de Portugal:
4356 Boul. Saint-Laurent, Rachel O.
Hinos e Bandeiras nacionais.
Rancho Folclórico "Praias de Portugal"
Viisita ao mural do Cônsul Aristides de Sousa Mendes.

19 horas: Concerto com o violinista internacional ALEXANDRE DA COSTA, na Igreja S. Jean -Baptiste, 300 Rachel Est Montréal

ENTRADA LIVRE

Jornal comunitário em Português | Journal communautaire en Français

Luís Vaz de Camões
résumé bibliographique

Portrait du poète, por Fernão Gomes vers 1577.

Luís Vaz de Camões, dit « *le Camoëns* », est un poète portugais, né vers 1525, mort le 10 juin 1580 à Lisbonne.

Auteur de poèmes dans la tradition médiévale (redondilhas) ou pastorale, de sonnets inspirés de la Renaissance italienne, et particulièrement de l'épopée nationale des Lusiades (en 1572 mais peut-être déjà achevée en 1556), Camoës est considéré comme le plus grand poète du Portugal et fait l'objet d'un culte de la part du peuple portugais en général, et des gens de lettres en particulier, à tel point que le jour de sa mort est devenu **la fête nationale portugaise,** en commémoration du poète. L'épopée des Lusiades est associée au renforcement du sentiment national portugais et a contribué à son essor. Son œuvre peut être comparée à celles de Virgile, Dante ou Shakespeare.

Origines et jeunesse

La date et le lieu de sa naissance sont incertains, mais on estime qu'il est né aux environs de 1525 , d'une famille d'origine galicienne d'abord fixée à Chaves, à Vilar de Nantes (pt), et ensuite à Coimbra, puis Lisbonne.

Son père était Simão Vaz de Camões et sa mère Ana de Sá Macedo. Par son père il serait descendant du troubadour galicien Vasco Pires de Camões, par sa mère, apparenté au navigateur Vasco de Gama.

Entre 1542 et 1545, il vécut à Lisbonne, délaissant les études pour fréquenter la cour de dom João III, où il se fit une renommée de poète. Il passa quelque temps à Coimbra où il dut avoir suivi les humanités, peut-être au monastère de Santa Cruz, où il avait un oncle prêtre, Dom Bento de Camões. Cependant il n'a été retrouvé aucune trace d'un passage du poète à Coimbra, mais la culture raffinée qui ressort de ses écrits fait de la seule université du Portugal en ce temps-là l'endroit où il est le plus probable qu'il ait étudié.

Lié à la maison du comte de Linhares, dom Francisco de Noronha, et peut-être précepteur de son fils dom António, il le suivit à Ceuta en 1549 où il resta jusqu'en 1551.

Dans un combat, une flèche l'éborgna. Cela arrivait souvent dans la carrière militaire des jeunes, comme le rappelle l'élégie *Aquela que de amor descomedido.*

De retour à Lisbonne, il ne tarda pas à renouer avec la vie de bohème. On lui prête plusieurs amours, non seulement avec des dames de la cour, mais aussi selon la légende avec l'Infante Marie, fille du roi Manuel Ier. Il serait tombé en disgrâce, au point d'être exilé à Constáncia. Il n'existe, cependant, pas le moindre fondement documentaire de cette histoire. Une autre légende lui attribue une vive passion pour une grande dame, la comtesse de Linhares, D. Violante de Andrade, ce qui l'aurait fait exiler à Constancia. Ce qui est certain c'est que le jour du *« Corpo de Deus »* (Corps de Dieu) de 1552, il blessa au cours d'un combat un certain Gonçalo Borges. Arrêté, il fut libéré par lettre royale de rémission le 7 mars 1553, et s'embarqua pour servir aux Indes dans la flotte de Fernão Álvares Cabral (pt), le 24 du même mois.

Orient

Il resta quelque temps à Goa, puis fut exilé en 1556 à Macao, pour avoir censuré le vice-roi dans une satire. Ce serait là, dans une grotte qui porte aujourd'hui son nom, qu'il composa le poème qui l'a immortalisé, Les Lusiades (ou Os Lusíadas), où il chante la gloire des Portugais (en latin lusitani), les exploits et les découvertes de Vasco de Gama. Au bout de cinq ans, rappelé de son exil, assailli par une tempête, il fit naufrage sur les côtes de la Cochinchine en retournant à Goa

Dans ce désastre, sauvant de manière héroïque le manuscrit de son poème déjà bien avancé, sa compagne Dinamene célébrée dans de nombreux poèmes serait morte.

De retour à Goa, avant août 1560, il demanda la protection du Vice-Roi Dom Constantin de Bragance dans un long poème octosyllabique. Emprisonné pour dettes, il adressa une supplique en vers à son nouveau Vice-Roi, Dom Francisco Coutinho, pour sa libération.

En 1568 il retourna au Royaume, et fit escale dans l'île de Mozambique, où, deux ans plus tard, le chroniqueur Diogo do Couto, son ami, le rencontra comme il le racontera dans ses Décades (8e), ajoutant que le poète était *« si pauvre qu'il vivait des amis ».* Il travaillait alors à la révision de son poème, et dans la composition du *« Parnasse de Luis de Camões* », - avec poésie, philosophie et autres sciences », œuvre volée et jamais retrouvée.

Diogo do Couto lui paya le reste du voyage jusqu'à Lisbonne, où Camões arriva en 1570.

C'est en 1572 qu'il publia Les Lusiades.

Il dédia son épopée au jeune roi Sébastien Ier qui lui accorda une petite pension qui lui permettrait de vivre, modestement, et 6 ans plus tard, à Lisbonne il assista au départ de l'armée du Portugal, avec en tête son propre roi Sébastien, pour le Maroc.

Il avait proposé d'être le chantre de cette guerre africaine mais Diogo Bernardes lui fut préféré. Cette expédition fut un désastre connu comme la bataille des Trois Rois, ou d'Alcacèr Quibir Ksar El Kébir. Sébastien y trouva la mort ainsi que la fine fleur de la jeunesse portugaise. Après quoi quelques années plus tard le Portugal allait être rattaché à la couronne espagnole d'où allait naître le mythe du retour du roi Sébastien (sébastianisme), par « *une nuit de brume pour rendre au Portugal sa grandeur passée* ».

C'est alors que mourut Luis de Camões, cette même année 1580, peut-être dans une maison de Santana, à Lisbonne, ou bien misérablement dans un hôpital, c'est selon, et avec lui l'âge d'or du Portugal, que son poème épique avait si bien chanté. Il aurait eu selon Almeida Garrett, ces derniers mots : *« Avec moi meurt le Portugal. » (Não morro pela Pátria, mas com ela.)*

Les Lusiades et l'œuvre lyrique

Quelques œuvres

Outre les Lusiades, Camoëns a composé des odes, des élégies, des sonnets, des satires et quelques tragédies.
Le sonnet *Com que voz...* a été un succès du répertoire de fado chanté par Amalia Rodrigues sur une musique d'Alain Oulman.

Luís de Camões

10 de Junho

Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas

Poeta português, filho de Simão Vaz de Camões e de Ana de Sá e Macedo, Luís Vaz de Camões terá nascido por volta de 1524/1525, não se sabe exactamente onde, e morreu a 10 de Junho de 1580, em Lisboa. Pensa-se que estudou Literatura e Filosofia em Coimbra, tendo tido como protector o seu tio paterno, D. Bento de Camões, frade de Santa Cruz e chanceler da Universidade. Tudo indica que pertencia à pequena nobreza.

Atribuem-se-lhe vários desterros, sendo um para Ceuta, onde se bateu como soldado e em combate perdeu o olho direito - perda referida na *Canção Lembrança da Longa Saudade* - e outro para Constância, entre 1547 e 1550, obrigado, diz-se, por ofensas a uma certa dama da corte.

Depois de regressado a Lisboa, foi detido, em 1552, em consequência de uma rixa com um funcionário da Corte, e preso na cadeia do Tronco. Saiu logo no ano seguinte, inteiramente perdoado pelo agredido e pelo rei, conforme se lê numa carta enviada da Índia, para onde partiu nesse mesmo ano, quer para mais facilmente obter perdão quer para se libertar da vida lisboeta, que o não contentava.

Segundo alguns autores, terá sido por essa altura que compôs o primeiro canto de Os Lusíadas.

Na Índia parece não ter sido feliz. Goa dececionou-o, como se pode ler no soneto *Cá nesta Babilónia donde mana*. Tomou parte em várias expedições militares e, numa delas, no Cabo Guardafui, escreveu uma das mais belas canções: *Junto dum seco, fero e estéril monte.* Viajou de seguida para Macau, onde exerceu o cargo de provedor-mor de defuntos e ausentes, e escreveu, na gruta hoje reconhecida pelo seu nome, mais seis Cantos do famoso poema épico.

Voltou a Goa, naufragou na viagem na foz do Rio Mecom, mas salvou-se, nadando com um braço e erguendo com o outro, acima das vagas, o manuscrito da imortal epopeia, facto documentado no Canto X, 128. Nesse naufrágio viu morrer a sua "*Dinamene",* rapariga chinesa que se lhe tinha afeiçoado. A esta fatídica morte dedicou os famosos sonetos do ciclo Dinamene, entre os quais se destaca *Ah! Minha Dinamene! Assim deixaste.* Em Goa sofreu caluniosas acusações, dolorosas perseguições e duros trabalhos, vindo Diogo do Couto a encontrá-lo em Moçambique, em 1568, *"tão pobre que comia de amigos"*, trabalhando n'Os Lusíadas e no seu Parnaso, "l*ivro de muita erudição, doutrina e filosofia",* segundo o mesmo autor.

Em 1569, após 16 anos de desterro, regressou a Lisboa, tendo os seus amigos pago as dívidas e comprado o passaporte. Só três anos mais tarde conseguiu obter a publicação da primeira edição de Os Lusíadas, que lhe valeu de D. Sebastião, a quem era dedicado, uma tença anual de 15 000 réis pelo prazo de três anos e renovado pela última vez em 1582 a favor de sua mãe, que lhe sobreviveu.

Os últimos anos de Camões foram amargurados pela doença e pela miséria. Reza a tradição que se não morreu de fome foi devido à solicitude de um escravo Jau, trazido da Índia, que ia de noite, sem o poeta saber, mendigar de porta em porta o pão do dia seguinte.

O certo é que morreu a 10 de Junho de 1580, sendo o seu enterro feito a expensas de uma instituição de beneficência, a Companhia dos Cortesãos. Um fidalgo letrado seu amigo mandou inscrever-lhe na campa rasa um epitáfio significativo: ***"Aqui jaz Luís de Camões, príncipe dos poetas do seu tempo. Viveu pobre e miseravelmente, e assim morreu."***

Se a escassez de documentos e os registos autobiográficos da sua obra ajudaram a construir uma imagem lendária de poeta miserável, exilado e infeliz no amor, que foi exaltada pelos românticos *(Camões, o poeta maldito, vítima do destino, incompreendido, abandonado pelo amor e solitário*), uma outra faceta ressalta da sua vida. Camões terá sido de facto um homem determinado, humanista, pensador, viajado, aventureiro, experiente, que se deslumbrou com a descoberta de novos mundos e de *"Outro ser civilizacional".*

Por isso, diz Jorge de Sena: *"Se pouco sabemos de Camões, biograficamente falando, tudo sabemos da sua persona poética, já que não muitos poetas em qualquer tempo transformaram a sua própria experiência e pensamento numa tal reveladora obra de arte como a poesia de Camões é."*

A 10 de Junho, comemora-se o Dia de Camões, de Portugal e das Comunidades Portuguesas.

Ilustração de Carlos Alberto Santos

Sur fond des manœuvres militaires chinoises près de l'île, Taïwan menace d'abattre des drones

Un chasseur chinois J-15 à bord du porte-avions Liaoning (archive photo) - Sputnik France,

Désireuse de montrer ses capacités d'encerclement en cas de conflit, l'armée chinoise manœuvre ces derniers jours en mer de Chine méridionale, à proximité de Taïwan, dont les autorités ont assuré à Pékin être prêtes à détruire ses drones.

L'Armée populaire de libération (APL) mène depuis lundi 5 avril une série d'exercices à proximité de l'île de Taïwan. Le ministère taïwanais de la Défense nationale a fait état de nombreux vols d'avions militaires chinois au sud-ouest de l'île.

Ainsi, lundi, quatre chasseurs Shenyang J-16, quatre chasseurs Chengdu J-10, un avion de lutte anti-sous-marin Yunshuji-8 ainsi qu'un avion de détection Shaanxi KJ-500 ont survolé cette région de la mer de Chine méridionale, comme l'indiquent les images publiées sur Twitter par l'armée taïwanaise.

Toujours le 5 avril, Gao Xiucheng, porte-parole de la marine chinoise, a annoncé que des navires dirigés par le porte-avions Liaoning participaient également aux manœuvres qui font partie *«des entraînements annuels réguliers».*

Mardi et mercredi, la Défense taïwanaise informait du vol de respectivement quatre et 15 avions militaires chinois dans la même zone.

Taïwan prête à abattre les drones chinois

Également mercredi, les autorités taïwanaises ont déclaré avoir repéré ces derniers temps des drones chinois non loin des îles Pratas administrées par Taipei, mais revendiquées par Pékin.

S'exprimant au Parlement, Lee Chung-wei, qui dirige le Conseil des affaires maritimes, a précisé que les drones n'ont pas survolé les îles, mais que si un engin chinois pénétrait dans l'espace aérien de Taïwan, alors il sera détruit par les garde-côtes.

«Après son entrée, il sera traité selon les règles. Si nous devons ouvrir le feu, nous le ferons», a-t-il informé, cité par Reuters.

La stratégie de Pékin

L'expert militaire Shi Hong, rédacteur en chef du magazine chinois continental Shipborne Weapons, a expliqué au Global Times que par ces exercices, Pékin veut montrer ses capacités à bloquer l'île depuis l'ouest à l'aide d'avions de guerre et de forces terrestres, et depuis l'est avec un groupe de porte-avions.

«L'exercice a montré que l'APL est capable d'encercler l'île de Taïwan, d'isoler ses troupes, ne leur laissant aucune chance de gagner ou d'aller où que ce soit si les opportunités se présentent. Attaquer l'ennemi de toute part complique sa défense car il n'a aucune idée d'où les principales forces pourraient venir», exposait-il mardi auprès du Global Times.

Autre objectif: celui de contrôler et de bloquer les interventions étrangères. Si par exemple les États-Unis et le Japon venaient à envoyer des renforts depuis l'est, poursuit Shi, la Chine pourrait alors déployer son groupe opérationnel soutenu par les forces aériennes terrestres et empêcher ainsi les forces étrangères de rencontrer les sécessionnistes de Taïwan.

Les préparatifs d'une guerre?

Les relations entre Taipei et Pékin se sont détériorées après que le département d'État américain a approuvé à l'été 2020 les ventes d'armes à Taïwan qui se dotera de missiles Patriot et modernisera ses chasseurs F-16. En réponse, Pékin a mis en place des systèmes de défense russes S-400 capables de détecter et de détruire des missiles jusqu'à 600 kilomètres.

Le 10 octobre, l'APL a mené un vaste exercice de simulation d'invasion de l'île, incluant des manœuvres sur terre, en mer et dans les airs. Cinq jours plus tard, lors de sa visite du corps des marines dans le sud-est, Xi Jinping a déclaré que ses soldats devaient *«concentrer leurs efforts sur la préparation à la guerre»* et *«maintenir un état d'alerte élevé».*

DECLÍNIO

por Maria Helena Matos

A isto chama-se declínio. A partir de que momento se torna irreversível?

Há 60 anos Portugal mantinha uma guerra em África. Há 45 recebia 800 mil retornados. Hoje Portugal não consegue controlar os paióis ou montar um plano de vacinação. Sobrevive graças ao apoio da UE.

O país que agora não consegue passar à prática um plano de vacinação é o mesmo que em 1961 montou em poucos meses um Serviço Postal Militar que quotidianamente tratava dez toneladas de correio. Recordo que em Junho de 1961, após os incidentes de Luanda de 4 de Fevereiro e os ataques às fazendas no norte a 15 de Março, começara uma forte mobilização de militares para Angola. Com o acréscimo de militares o caos instalou-se nos CTT de Luanda: as famílias escreviam aos militares ali destacados mas as cartas não chegavam ao destino pois os CTT Ultramarinos não só não tinham capacidade para tratar tanto correio como nem sequer tinham estações em muitos dos locais para onde os militares eram transferidos após chegarem a Angola.

Torna-se então óbvio às chefias militares que têm de intervir porque sem correspondência é impossível manter as tropas motivadas e as respectivas famílias com a tranquilidade possível: o então Chefe do Estado-Maior do Exército, General Câmara Pina, requisita Ernesto Lourenço Dias Tapadas, funcionário dos CTT de Elvas, para montar um Serviço Postal Militar pois fora Ernesto Dias Tapadas quem os CTT tinham indicado no ano anterior, 1960, para criar uma secção postal nas manobras anuais em Santa Margarida em que tinham participado 15 mil homens. Dentro de algum tempo o Serviço Postal Militar tratava dez toneladas de correio por dia. Em média cada militar escrevia 13 aerogramas por mês e recebia dez. Entre 1961 e 1975 circularam 376 milhões de aerogramas. Aos aerogramas há que juntar as cartas, os cartões de Natal, os vales do correio e as encomendas. Tudo somado, estima-se que o Serviço Postal Militar tenha recolhido, transportado e distribuído 21 mil toneladas de correspondência.

Porquê recordar agora esta história? Para lembrar que não é preciso recuar muito para perceber que já fizemos operações de grande exigência e em contextos adversos.

Custa dizê-lo e custa ainda mais vivê-lo mas temos de o assumir: o país que agora não consegue sequer saber que armas tem guardadas e em que paióis as tem conseguiu manter um esforço militar assinalável noutro continente, África, em territórios separados entre si por milhares de quilómetros.

O país que agora não conseguiu assegurar a tempo aulas online aos alunos do ensino público é o mesmo que em 1975, no meio de uma situação politicamente convulsa, recebeu quase um milhão de pessoas provenientes de África, colocando muitas delas em pensões, hotéis ou seminários. Que teve de lhes fornecer novos documentos, certificados de habilitações, cartões de saúde e lugares nas escolas para os filhos. Dirão que foi caótico. É verdade que muitas vezes o foi mas se compararmos a dimensão do que então se conseguiu tratar com os meios então existentes com o que agora está a acontecer temos de admitir que Portugal perdeu capacidade e competência.

Em Fevereiro de 2021 quando há vacinas não há listas de prioritários, quando se seleccionam os prioritários não há lista de reserva, quando há seringas não há agulhas, os hospitais de campanha só agora, em Fevereiro, escolhem potenciais voluntários, as escolas não têm os computadores que desde Março do ano passado se sabia irem ser necessários…

O que Portugal está a viver neste momento não são tanto os efeitos da pandemia mas sim o confronto com algo que temos procurado iludir: somos um país em declínio. Intuímo-lo nos incêndios de 2017. Confirmámo-lo agora no estrepitoso falhanço da preparação desta vaga do vírus. Porque nos está acontecer isto? Porque aos problemas de sempre – as cunhas, os favores e a dependência – juntou-se uma administração tão medíocre quanto omnipotente e omnipresente. Um administração dos *"filhos de algo"* do regime: os maridos estão nas Comissões de Coordenação e Desenvolvimento Regional, as mulheres nas Misericórdias e num qualquer grupo de trabalho, os filhos no centros da Segurança Social, as noras nas comissões de combate à causa do momento e num gabinete de estudos, os sobrinhos no instituto ou no observatório, ou em ambos, a prima na unidade de missão. São maioritariamente socialistas porque ser do PS é uma garantia de que se é melhor sucedido nestes percursos e menos escrutinado.

De geração em geração esta gente vive na máquina estatal ou nos negócios do Estado. Constitui um polvo gigantesco que tudo envolve e nunca se dá por satisfeito.

Põem-nos a discutir colonialismos pretéritos enquanto eles e as suas famílias, num remake das antigas juntas de colonização, fazem do aparelho de Estado a sua roça. Multiplicam as acções de sensibilização à solidariedade para depois passarem à frente dos velhos, dos doentes e dos trabalhadores da saúde na corrida à vacina. Exigem a regionalização porque ela implica mais umas camadas de cargos na administração pública. A voracidade desta oligarquia estatal levou a uma exaustão de recursos (não por acaso chegámos ao absurdo de os custos de licenciamento de uma obra serem frequentemente superiores aos custos materiais da obra propriamente dita). Já a sua forma tentacular de exercer o poder conduziu a uma decadência técnica e moral da administração pública e política: ninguém é responsável por nada, o que disseram ontem desdizem hoje. O seu objectivo não é fazer mas sim sobreviver no cargo.

Apenas a pertença à UE mantém ainda algum verniz no funcionamento do regime e garante as verbas para irmos gerindo o declínio. Resta-nos pouco tempo para que este seja irreversível.

Le naufrage de l'Empress of Ireland

29 mai 1914

Par Yves Bérubé

Le naufrage de l'Empress of Ireland est une catastrophe maritime survenue dans la nuit du 28 au 29 mai 1914 sur le fleuve Saint-Laurent, au large de Sainte-Luce.

Construit en 1906 à Glasgow, en Écosse, par le chantier Fairfield Shipbuilding and Engineering Company d'après les plans de l'ingénieur Francis Elgar, l'Empress of Ireland est un paquebot de 172 mètres de long ayant une capacité d'environ 1 550 passagers et de 420 membres d'équipage. Le navire appartient à la Compagnie du chemin de fer Canadien du Pacifique (C.P.) qui s'en sert pour assurer la liaison entre Québec et Liverpool, en Angleterre. Le vapeur, réputé pour sa vitesse et son confort, est, avec son jumeau l'Empress of Britain (1905), le fleuron du C.P.

Dans l'après-midi du 28 mai 1914, l'Empress of Ireland, dirigé par le capitaine Henry George Kendall, part de Québec avec 1 477 personnes à son bord. Il s'agit alors de sa 192e traversée de l'Atlantique. Dans la nuit, vers 1 h 20, le navire effectue un arrêt à la hauteur de Pointe-au-Père (Rimouski) afin de laisser descendre le pilote Adélard Bernier, qui guide le paquebot depuis Québec. Après avoir déchargé quelques sacs de courrier, le vapeur reprend la navigation. Une vingtaine de minutes plus tard, une vigie informe le capitaine de la présence d'un navire remontant le fleuve. Des manoeuvres sont prises afin de prendre une trajectoire parallèle à ce dernier. Vers 1 h 55, alors qu'il est entouré d'un épais brouillard, le paquebot est percuté au centre de son flanc droit par le charbonnier norvégien Storstad. Mesurant quatre mètres sur quatorze, la brèche causée par l'impact laisse entrer environ 60 000 galons d'eau à la seconde dans l'Empress of Ireland, qui ne prend que quatorze minutes pour sombrer.

Une heure et quart après que le télégraphiste de l'Empress of Ireland ait lancé un SOS, des secours arrivent à bord de l'Eureka, puis du Lady Evelyn, ce qui permet de repêcher 465 survivants. L'équipage du Storstad participe également aux opérations de sauvetage. Les rescapés sont par la suite conduits à Rimouski où ils reçoivent des soins. L'épave, quant à elle, gît à 42 mètres de profondeur au fond du fleuve, à 4,5 milles nautiques de Sainte-Luce.

Le naufrage de l'Empress of Ireland a entraîné la mort de 1 012 personnes. C'est la plus importante catastrophe maritime de l'histoire du Québec et du Canada. À l'échelle mondiale, c'est la quatrième catastrophe maritime en importance en temps de paix après le naufrage du Titanic (1912), du Doña Paz aux Philippines (1987) et du Joola au Sénégal (2002).

La tragédie de l'Empress of Ireland a conduit à l'instauration d'une première commission royale d'enquête d'envergure au pays portant sur un accident de transport.

Tenue du 16 au 27 juin 1914, cette commission, chapeautée par John Charles Bigham, Ezekiel Mcleod et Adolphe Basile Routhier, vise à éclaircir les événements ayant mené au désastre. Les commissaires concluent que les deux navires ont commis des erreurs, sans toutefois que soit désigné un coupable, bien qu'une part importante du blâme est jetée sur le second officier du Storstad, Alfred Toftenes, pour avoir tardé à appeler le capitaine sur le pont du charbonnier. À la suite de cette enquête, il est recommandé que des embarcations de sauvetages libres soient installées sur les ponts des navires et que les portes étanches et les hublots demeurent fermés la nuit ainsi que par temps de brume.

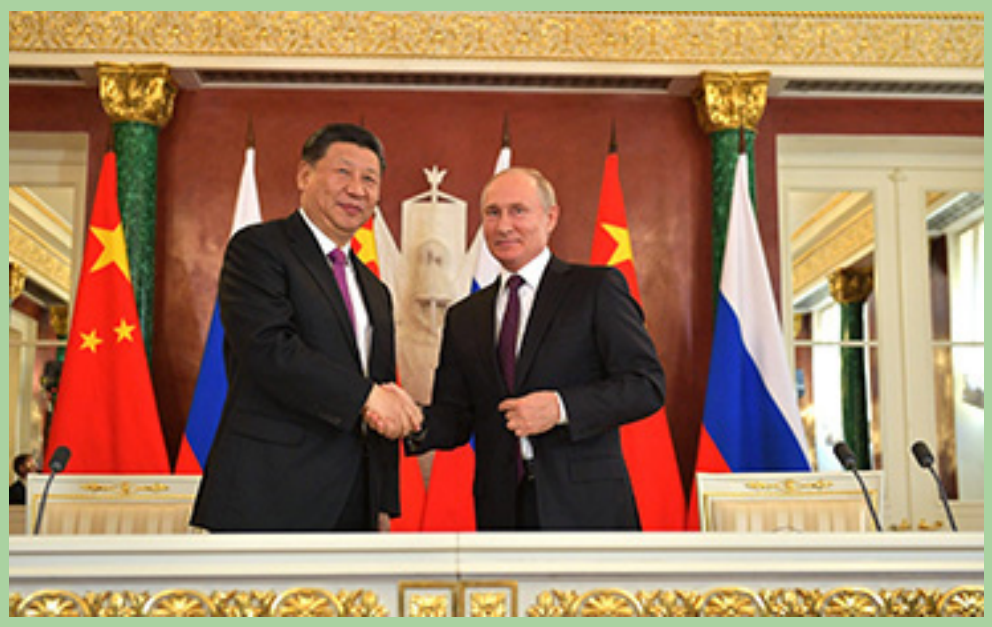
Jornal comunitário em Português | Journal communautaire en Français

China Esvazia Sanções Contra a Rússia: Onde Estão as 'Consequências'?

por Judith Bergman

18 de Maio de 2022

Tradução: Joseph Skilnik



Não obstante as duras sanções do Ocidente impostas à Rússia, a guerra do presidente Vladimir Putin contra a Ucrânia já dura mais de um mês e Putin não mostra sinais de recuar. A potência que o ajuda a resistir aos efeitos das sanções e a continuar a guerra é o seu aliado mais poderoso: a China.

Foto: Putin com o presidente chinês Xi Jinping em Moscou em 5 de Junho de 2019. (Imagem: kremlin.ru)

Não obstante as duras sanções do Ocidente impostas à Rússia, a guerra do presidente Vladimir Putin contra a Ucrânia já dura há mais de um mês e Putin não mostra sinais de recuar. A potência que o ajuda a resistir aos efeitos das sanções e a continuar a guerra é o seu aliado mais poderoso: a China.

Na véspera da invasão da Ucrânia pela Rússia ocorrida em 24 de Fevereiro, a Rússia e a China firmaram contratos no valor de centenas de bilhões de dólares. Em 4 de Fevereiro, Putin anunciou novos acordos de petróleo e gás com a China no valor estimado de US$117,5 bilhões. Em 18 de Fevereiro, seis dias antes da invasão, a Rússia anunciou ter fechado um acordo de US$20 bilhões para fornecer 100 milhões de toneladas de carvão para a China. No dia da invasão, a China, levantando as restrições que estavam em vigor, concordou em comprar trigo russo, devido a temores de doenças de plantas.

Estes acordos, ao esvaziarem as sanções ocidentais à Rússia, são os salva-vidas de Putin e da sua guerra contra a Ucrânia. "*A China pode emergir como grande comprador de trigo e óleo de girassol russos, já que ampla gama de sanções financeiras ameaçam os fluxos comerciais agrícolas da Rússia para seus mercados tradicionais na Europa",* escreveu a S&P Global Commodity Insights.

Quem sabe a cobiça da China voltada a Taiwan, não condenou a invasão da Ucrânia pela Rússia e tem declarado reiteradamente ser contrária às sanções contra a Rússia. O vice-ministro de relações exteriores da China Le Yucheng classificou as sanções do Ocidente como "*execráveis".* A China sequer tentou ocultar que continua fazendo negócios com a Rússia. Conforme ressaltou o porta-voz do Ministério das Relações Exteriores da China, Wang Wenbin na colectiva de imprensa: *"a China e a Rússia continuarão a conduzir a habitual cooperação comercial no espírito de respeito mútuo, igualdade e benefício mútuo".*

Não há nada de novo nem surpreendente na decisão da China de fornecer a tábua de salvação que possibilitará que Putin não fique à deriva. Depois que a Rússia anexou a Península da Crimeia em Março de 2014 e o Ocidente impôs sanções, a Rússia apelou para a China. Em Maio de 2014, a Rússia e a China assinaram um acordo de fornecimento de gás no valor de US$400 bilhões, tornando a China o segundo maior comprador de gás da Rússia, atrás somente da Alemanha. Um relatório de Fevereiro de 2015 do Conselho Europeu de Relações Exteriores informou:

"após a imposição de sanções contra a Rússia pela União Europeia e pelos Estados Unidos em 2014, o presidente Vladimir Putin exortou a China de forma dramática e assinou uma série de acordos, incluindo o de US$400 bilhões para a exportação de gás para a China em Maio do ano passado. Agora Moscou procura reorientar toda a economia russa para a Ásia no sentido de atenuar o impacto negativo das sanções ocidentais. Nesse ínterim, para a China a crise ucraniana apresenta uma oportunidade ímpar para incrementar o acesso aos recursos naturais da Rússia, em especial o de gás, obter contratos de projectos de infraestrutura, além de novos mercados para a tecnologia chinesa e transformar a Rússia em sócio minoritário no relacionamento entre os dois países."

Além de esvaziar as sanções por meio do comércio de commodities, provavelmente a China também está ajudando a Rússia a ocultar seu dinheiro. De acordo com a revista Foreign Affairs:

"a Rússia pode ter guardado dezenas de bilhões de dólares em activos de reserva em nebulosas contas offshore, onde mantém títulos em dólares que estão fora do alcance de sanções internacionais e congelamentos de activos... Também há sinais de que a Rússia teria transferido dólares com a ajuda de um governo estrangeiro... Ainda não está claro quem seriam os intermediários da Rússia que foram usados para ocultar os títulos do Tesouro no exterior. Uma forte probabilidade, no entanto, é que seja a China, com a qual Putin agora, ao que tudo indica, é aliado."

Apesar do exposto acima, a Administração Biden continua falando a respeito da China como se ainda fosse necessário ter provas de que ela está esvaziando as sanções impostas à Rússia. O Conselheiro de Segurança Nacional dos EUA, Jake Sullivan salientou em 13 de março o seguinte:

"estamos em contacto directo e confidencial com Pequim, avisamos que haverá, sem a menor sombra de dúvida, consequências caso as amplas sanções sejam contornadas ou que haja apoio à Rússia para compensá-las. Não iremos permitir que estas coisas sigam adiante e aceitar marmelada quanto às sanções econômicas impostas à Rússia e que elas sejam manipuladas por qualquer país que seja, qualquer que seja o lugar do planeta."

Após uma reunião de sete horas de Sullivan com o diplomata chinês Yang Jiechi em 14 de março, um alto funcionário do governo Biden ressaltou aos repórteres:

"quero reiterar que neste momento estamos profundamente preocupados com o alinhamento da China com a Rússia e o conselheiro de segurança nacional foi direto quanto a estas preocupações e as possíveis implicações e consequências de certas ações".

Em 18 de março, em uma chamada de vídeo com o presidente chinês Xi Jinping, o presidente dos EUA Joe Biden alertou que haverá *"implicações e consequências se a China fornecer apoio material à Rússia"*, sem entrar em detalhes. Um alto funcionário dos EUA que não se quis identificar realçou, *"o presidente realmente não estava fazendo nenhum pedido específico à China. Acho que nossa opinião é que a China tomará suas próprias decisões."*

É óbvio que a China vem dando ajuda material à Rússia. Então, onde estão as *«consequências»?*

O mais perto que os EUA chegaram além das palavras foi a declaração conjunta com outros líderes do G7, de uma "*iniciativa implementar"* no sentido de impedir que a Rússia contorne as sanções, mas não está claro, provavelmente de forma deliberada, a implicação da iniciativa. Antes da viagem de Biden à Europa, Sullivan ressaltou aos repórteres em 23 de Março:

"amanhã os líderes do G7 concordarão com uma iniciativa para coordenar a aplicação das sanções para que os esforços russos de se desvencilhar delas ou das iniciativas de outros países em ajudar a Rússia a dar um jeitinho a quanto à aplicação delas possam ser tratadas de forma eficaz e coordenada."

Após a reunião do G7, a Casa Branca divulgou um comunicado do G7, que apenas salienta:

"*continuaremos a cooperar conjuntamente, inclusive com outros governos na adoção de medidas restritivas semelhantes às já impostas pelos membros do G7 e impedir que elas sejam contornadas, desvencilhadas e compensadas com o propósito de esvaziar ou mitigar os efeitos das sanções".*

Não houve nenhuma menção à China, de novo, tudo parecia além de tardio, demasiadamente tímido.

"A China é a mão invisível por trás de Putin", salientou Michael Pillsbury, autor de The Hundred-Year Marathon.

São eles que estão financiando a guerra. Cerca da metade das reservas de ouro e moeda da Rússia são agora controladas pelos EUA e pelo Ocidente, ele (Putin) não tem condições de ter acesso a elas. Mas na outra metade os chineses têm condições de dar acesso e é o que eles têm feito... O comércio e a compra de recursos energéticos de longo prazo esvaziam as sanções, porque mostram a Putin que ele tem alguém ao seu lado pelos próximos cinco anos ou mais. Há uma série de formas de o apoio da China ser crucial a Putin. Acredito que os chineses teriam como parar a guerra *apenas com um telefonema a Putin. É como se o banco ligasse para você... mas até agora nada... Provavelmente a única maneira de avançar é impor sanções americanas à China... a guerra continuará porque o banco não fará a ligação".*

A Administração Biden, ao ameaçar reiteradamente com *"consequências"* e emitir *"alertas"* à China, "se ajudar a Rússia a esvaziar as sanções, apenas continua projetando indecisão, fraqueza e falta de liderança. A constante repetição desses avisos sem acções de acompanhamento por parte da Administração Biden só resultará em mais perda de credibilidade e degradação ainda maior da dissuasão dos EUA em detrimento do Ocidente.

Judith Bergman é colunista, advogada e analista política, ilustre Senior Fellow do Gatestone Institute.

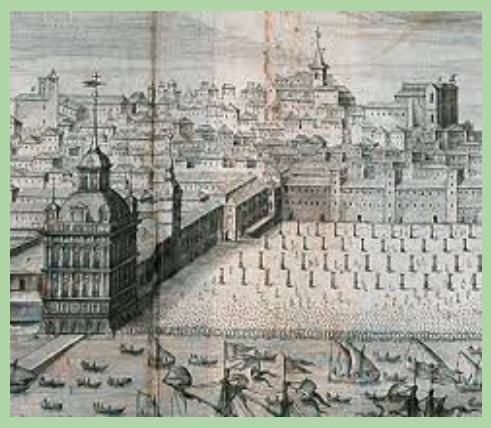
Paço da Ribeira ou Palácio Real

O Edifício da Corte (Edifício do Tribunal) está localizado na Rua e Calçada do Ferragial, próximo à Cerca Fernandina, muro construído por D. Fernando em 1373 para dar conta da realidade e crescimento da população da época, já que a Cerca Moura anterior não suportou o período pós-recaptura. Daí seu nome latino (farrago inis), que significa *"campo onde são cultivados cereais verdes colhidos".*

Alguns séculos depois, este foi o local do famoso Palácio Corte Real, um dos palácios mais majestosos da história de Lisboa, totalmente destruído pelo terremoto e tsunami de 1755. Pertencia inicialmente à família Corte Real que o vendeu para a Casa Real na época do infante D. Pedro, mais tarde regente do Reino, e finalmente o rei D. Pedro II, que viveu lá até seu irmão, Afonso VI, ser destronado. Serviu, a partir de então, como residência do Infantado. Era, convenientemente, nas trazeiras do Paço da Ribeira que fazia parte daquele complexo palaciano.

Ao lado, o Paço da Ribeira - localizado no que é hoje o Terreiro do Paço, ou Praça do Comércio - foi um palácio real e residência oficial dos reis de Portugal por cerca de dois séculos, sucedendo o Palácio dos Alcáçova no Castelo de S Jorge.

É nesta zona nobre da cidade, com forte influência da Casa Real, do Tribunal e dos seus palácios, que, graças a um profundo trabalho de reabilitação, é devolvido a Lisboa um edifício outrora abandonado e em avançado estado de decadência, que em memória desta história, recebe o nome de Edifício do Tribunal. (Edifício da Corte).



Jornal comunitário em Português | Journal communautaire en Français

Os inventores de nazis

No fundo, a nossa extrema-esquerda faz hoje aos ucranianos o que faz connosco desde 1974: inventariar e denunciar nazis, que por regra são todos os sujeitos que não alinham na extrema-esquerda.

Por : Alberto Gonçalves / Observador

Antes da invasão russa, o PCP e o Bloco fartaram-se de avisar que a Ucrânia estava repleta de nazis. Quem lesse o *"Avante!"* e o site Esquerda.net conhecia o Batalhão Azov como os espectadores da RTP nos anos 1970 conheciam Badaró. Aliás, um dos leitores dos referidos órgãos informativos terá sido o sr. Putin, que indignado com tamanho regabofe enviou tropas para *"desnazificar"* o país vizinho. Os ingénuos tentaram notar que não é comum um regime nacional-socialista organizar eleições livres, ser presidido por um judeu e manter boas relações com Israel. Felizmente, o sr. Putin não se deixou iludir pelas aparências e preferiu confiar na "*inteligência"* portuguesa, constituída por dois partidos leninistas, meia-dúzia de comentadores isentos e 35 generais, mumificados no PREC, que vão às televisões desmascarar a submissão ucraniana ao Terceiro Reich.

Dois meses e meio depois, constata-se que a *"desnazificação"* daquilo não é fácil. E não é fácil porque a *"nazificação"* não é óbvia. A ideia de que as ruas de Kiev eram possuídas por multidões a gritar "*Heil, Zelensky!"* não se confirmou. O pressuposto, sensato, de que haveria no Donbass campos de extermínio cheinhos de separatistas pró-russos também não. Os ucranianos são nazis, não são burros: as provas das suas pérfidas convicções primam pela subtileza subtis e exigem investigação minuciosa e peneira fina. Felizmente, as *"redes sociais"* dispõem de investigadores e peneirentos em abundância. Num ápice, iniciou-se a caça à suástica e à Cruz de Ferro.

A partir de apartamentos no Cacém e em Gaia, caçadores argutos procederam à análise das imagens do conflito em busca dos nefastos símbolos. E, sem surpresas, encontraram-no com frequência, quer na parafernália militar, quer em manifestações de civis, quer até numa camisola desportiva nas mãos do próprio Zelensky. É verdade que, nuns casos, a suástica fora acrescentada mediante Photoshop, e noutros a Cruz de Ferro não era bem a Cruz de Ferro e sim o emblema do exército ucraniano. Porém, os pormenores não beliscam o essencial. Um repórter da TVI descobriu numa casa abandonada um exemplar do "*Mein Kampf",* no original alemão para que o sumo não se perdesse na tradução. Pelo amor de Deus: eu mesmo vi as filmagens de uma criança ucraniana a prometer matar russos enquanto esticava o bracinho. Embora a criança envergasse um lenço "fedayin" e berrasse "*Alá é grande"*, e o vídeo fosse de 2015 e divulgado pelo Estado Islâmico, é impossível restarem dúvidas: a Ucrânia é nazi.

De resto, a percentagem de nazismo é irrelevante. Ainda que houvesse uma única *"t-shirt"* de Goebbels em Donetsk, a invasão estaria plenamente justificada. À luz do direito internacional, versão revista e anotada por Mariana Mortágua, é perfeitamente legítimo que uma ditadura liderada por um ex-agente do KGB procure resgatar, através dos respectivos bombardeamentos e chacinas, cada povo que o ex-agente do KGB considera em risco de cedência ao jugo hitleriano. A Ucrânia, que quando acabar de enterrar os mortos saberá agradecer a ajuda, foi apenas o primeiro. Talvez se siga a Suécia, onde o Kremlin já detectou três proto-nazis: a criadora da Pipi das Meias Altas, o fundador do Ikea e o cineasta Ingmar Bergman. Com jeito, se vasculharem fotografias de Estocolmo, arranjam mais um ou dois, e desta vez vivos. Os suecos têm razões para andar receosos. E os portugueses têm razões para entrar em pânico – ou em êxtase, depende da perspectiva.

É um facto amplamente demonstrado que Portugal não há três nazis. Nem uma dúzia. Nem sete mil. Há quase meio século que a extrema-esquerda, algum PS incluído, fareja por cá quantidades incomensuráveis de indivíduos pertencentes a essa sub-espécie. Por educação ou cortesia, pode chamar-lhes *"fascistas", "capitalistas", "imperialistas", "colonialistas", "neo-liberais*" ou "*bandalhos de extrema-direita".* Mas que ninguém se engane: trata-se de nazis, resmas de nazis, magotes de nazis a fervilhar, quais larvas, do Minho aos Algarves. Até agora, julgo que só a distância impedia que o sr. Putin nos salvasse. Agora, com a tecnologia *"hipersónica"* que tanto excita os generais na televisão, nada impede.

No fundo, a nossa extrema-esquerda faz hoje aos ucranianos o que faz connosco desde 1974: inventariar e denunciar nazis, que por regra são todos os sujeitos que não alinham na extrema-esquerda. E a nossa extrema-esquerda sonha desde 1974 que alguém faça connosco o que o sr. Putin faz hoje aos ucranianos. Por curiosa coincidência, o ódio às democracias, a desumanização do inimigo e o apetite de aniquilação são o que define os nazis que não temos e os comunistas, de seitas sortidas, que temos de sobra. Durante 48 anos, deixámos que os comunistas criassem as regras do jogo e o jogassem à vontade. Jamais suspeitámos o resultado do jogo caso eles o ganhassem. Espero que a invasão da Ucrânia nos tenha dado uma ideia.

João Leão financiou com cinco milhões o seu novo emprego

João Miguel Tavares
in Público, 2022.04.16

Tenho um dedo que adivinha. Não passaram sequer 24 horas sobre o artigo que aqui escrevi sobre as ligações cada vez mais íntimas entre o PS e o ISCTE para se descobrir que o ex-ministro das Finanças João Leão colocou no Orçamento do Estado o orçamento do seu novo emprego. Dois dias após deixar o Governo, João Leão foi nomeado vice-reitor do ISCTE para a área do Desenvolvimento Estratégico, onde se inclui a construção do ISCTE — Conhecimento e Inovação, um ambicioso *"centro de valorização de transferência de tecnologias"* (CVTT) que em 2019 conseguiu um financiamento europeu de 4,8 milhões de euros. Só que o investimento total supera os 12 milhões, e os restantes oito foram inscritos no Orçamento do Estado com um detalhe significativo: eles provêm da *"dotação centralizada do Ministério das Finanças"* e não do orçamento do Ministério da Ciência. O facto de o ex-ministro das Finanças garantir que não teve *"qualquer intervenção no processo"* é contraditado pelo relatório de execução orçamental: o ministro João Leão financiou, de facto, o principal projecto do agora vice-reitor João Leão.

Em resposta à notícia do PÚBLICO, o ISCTE garantiu que o financiamento da administração central é de apenas 5,2 milhões de euros. O restante provém de receitas do ISCTE. Sejam cinco e não oito — são cinco milhões concedidos em evidente conflito de interesses. João Leão já era professor do ISCTE, e, portanto, está de volta à instituição onde trabalhava antes de ir para o Governo. Só que não regressa para o mesmo lugar, nem com os mesmos pelouros. **E se dois dias após sair do Governo já tinha garantido o cargo de vice-reitor, isso significa que o lugar foi apalavrado com a reitora Maria de Lurdes Rodrigues quando ainda era ministro das Finanças. É este o tipo de circuitos promíscuos que importa denunciar: uma ex-ministra do PS a negociar com um ministro do PS lugares num instituto do Estado dominado pelo PS que cresce através de transferências públicas controladas pelo PS.** Pode desvalorizar-se este circuito? Pode. Mas depois não nos queixemos de que o país se arrasta na cauda da Europa, nem lamentemos a falta de independência das instituições.

Aliás, a parte mais interessante da notícia não está no início, mas no final. Em particular, neste parágrafo: ***"O apoio ao CVTT do ISCTE inscrito no Orçamento do Estado tinha causado surpresa a muitos reitores e presidentes de institutos politécnicos aquando da primeira versão do documento apresentada em Outubro. O projecto não fez parte da negociação com o Ministério da Ciência e Ensino Superior e a verba não provém sequer do orçamento do sector. Os protestos subiram de tom nos últimos dias, depois de se saber que João Leão passaria a integrar a equipa reitoral do ISCTE, ainda que nenhum dos responsáveis tenha aceitado falar publicamente sobre o assunto."*** Reparem no que ali está dito: muita gente estranhou, muita gente se indignou — ao ponto, imagino, de servir como informação de background à notícia —, mas ninguém se atreveu a dar a cara.

Este é o problema de haver um partido a governar de forma quase ininterrupta de 1995 a 2026 – e talvez além disso. O Estado tem cada vez mais poder sobre a sociedade e sobre os fundos europeus; o PS tem cada vez mais poder sobre o Estado; logo, todos os que orbitam em redor da infinita galáxia estatal têm cada vez mais medo de abrir a boca. Sobra o quê? Sobra o jornalismo, que tem muito trabalhinho pela frente nos anos que se avizinham.

COMANDOS

Ajudemos os COMANDOS do curso 127 que foram constituídos arguidos

NIB - 0033-0000-4553601 4942-05

As enormes despesas tornam muito apreciada a vossa esperada colaboração

A Associação de COMANDOS agradece-vos : MAMA SUMÉ !!!

O Presidente da AC

José Lobo de Amaral

Os Doze de Inglaterra

Pintura a fresco com algumas aplicações a ouro puro à maneira antiga. Toda a pintura tem um ar de iluminura pela cor e pelo pormenor. É enriquecida pelo estudo de heráldica, pois representa uma justa, presidida pelo Duque de Lencastre, ladeado pelas doze damas ofendidas.

Veem-se distintamente os cavaleiros Magriço (Coutinhos), Almadas, Malafaia, Azevedos, Cerveira, Pedro Homem Pacheco, etc.

Diz a tradição que em Seia se reuniram os doze cavaleiros de onde partiram para Inglaterra.

Descrição:
(in Os Lusíadas contados às crianças e lembrados ao povo, adaptação em prosa de João de Barros – Livraria Sá da Costa)

"Iam os nossos portugueses, nesse momento, descansados e bem dispostos.

E tão descansados, tão descuidados dos possíveis perigos, que o nosso conhecido Veloso, marinheiro engraçado e esperto, a pedido dos seus companheiros começou a contar, para os distraír, a famosa história de Magriço ou dos *«Doze de Inglaterra».* Encostado à amurada do navio, à luz das estrelas, e enquanto a frota cortava as ondas serenas, Veloso falava, alegremente. E dizia:

«No tempo de D. João I, quando o reino de Portugal já estava sossegado e liberto dos espanhóis, deu-se na Inglaterra uma grande questão entre doze damas e doze cavaleiros.

«Tanto se envenenou essa questão, que por fim os cavaleiros declararam que as damas nem o nome de damas mereciam.

«Grande injúria, já se sabe, injúria que elas não podiam perdoar. Mas não ficou aí o feio caso! Mais afirmaram os fidalgos ingleses que se alguém quisesse defender as damas do insulto recebido, ali estavam todos para matar com lança e espada os audaciosos que a tal se atrevessem.

«E a verdade é que, entre os seus compatriotas, nenhum se atreveu a aceitar o desafio, receosos da valentia, da importância e do nome que tinham os cavaleiros insultadores...

«As pobres damas, coitadas! choravam e maldiziam a sua triste sorte!

«Não sabendo como se poderiam vingar da ofensa recebida, foram pedir conselho e ajuda ao Duque de Lencastre, guerreiro inglês que tinha combatido com os portugueses contra Castela, e cuja filha, D. Filipa, casara com D. João I.

«O Duque de Lencastre, logo lhes aconselhou que chamassem cavaleiros da nossa terra para as desagravar, tanta ousadia, boa educação e coragem tinha conhecido e apreciado nos portugueses.

«E indicou-lhes imediatamente o nome de doze bravos, seus amigos de Portugal, capazes de combaterem e morrerem por elas.

«Mandam as senhoras inglesas um emissário a Lisboa, trazendo cartas de cada uma das damas par a cada um dos nossos valentes portugueses.

«Chegam as cartas, com a notícia espantosa. E tanta indignação causou entre nós a conduta dos doze ingleses, que até o Rei D. João I desejava ir castigá-los...

Jornal comunitário em Português | Journal communautaire en Français

«Mas o Rei é o Rei: - tem de governar o seu povo, e não sai da sua terra quando lhe apetece..

«Arma-se um navio no Porto e embarcam nele os fidalgos lusitanos.

«Mas só onze, embarcaram. O mais valente, chamado Magriço, decidiu ir por terra, prometendo, no entanto aparecer no momento próprio. Queria dar o seu passeio, antes de chegar a Inglaterra.

«Um belo dia, os onze portugueses desembarcam em Londres, onde são muito bem recebidos e tratados.

«Aproxima-se a hora do combate. Ninguém tem medo, dos nossos. Só uma coisa os preocupa: - a demora de Magriço, que anda não se sabe por onde.

«Parára na Flandres, e por lá se divertia, sempre lembrado, no entanto, do dia do torneio... Ou não fosse ele um leal e honrado português!

«Mas o dia do torneio alvoreceu, e Magriço ainda não estava em Londres! A dama, a quem ele vinha defender, veste-se de luto, certa já de que não teria paladino.

«Vai a côrte inglesa toda para o campo de combate. O Rei senta-se no seu trono e as outras pessoas à volta dele.

«Os cavalos dos combatentes espumam já.

«O sol rutila nas lanças. A ansiedade de todos é enorme.

«Mas do lado dos ingleses há doze cavaleiros, e do nosso lado - só onze!...

«Onde estaria, perguntam todos, o descuidado Magriço?

«De repente, grande alvoroço se produz e toda a gente olha para a entrada do campo.

«É Magriço que entra, montado no seu cavalo, vestido e pronto para o combate.

«Cumprimenta o Rei, fala às damas, abraça os companheiros, que rejubilam, e toma lugar ao lado deles.

«A sua dama logo ali mesmo se enfeita com luxuosos arminhos, que são adornos de festa.

«Dá sinal a trombeta do combate e os cavaleiros espoream os cavalos, largam as rédeas, abaixam as lanças.

«Faísca a terra sob as patas dos animais, que mordem os freios de ouro. O chão parece tremer todo, sacudido.

«O coração de quem olha os cavaleiros estremece, tão violenta é a luta.

«O aço das armas torna-se vermelho com o sangue do inimigo.

«Uns, caíndo, parecem voar dos cavalos até ao chão...

«Outros, derrubados e arrastados, açoitam com os penachos dos elmos as ancas dos ginetes...

«Morrem alguns. O resto fica ferido. E, depois de porfiada peleja, os portugueses vencem inteiramente os adversários, com aprumo e galhardia raras.

«A soberba inglesa sofreu assim um duro golpe, mas as damas ficaram desafrontadas da injúria sofrida, graças à coragem e audácia dos nossos, que não hesitaram em bater-se pela honra alheia...

«Mais uma vez triunfou o espírito guerreiro e cavalheiresco, e a força invencível da gente da nossa terra. O Duque de Lencastre, para lhes agradecer, albergou no seu palácio os portugueses. E, enquanto eles não regressaram a Portugal, todos os dias lhes ofereceu divertimentos, bailes e jantares, onde nunca faltavam as doze damas. À volta, segundo contam, ainda Magriço e um seu companheiro tiveram alguns desafios, o primeiro na Flandres e o segundo na Alemanha. Não deixavam nunca de pôr à prova a sua valentia e destreza no manejo das armas...»

Queria Veloso continuar a sua narração, quando o mestre do navio lhe pediu, e aos seus ouvintes, para estarem alerta...É que se anunciava já a tempestade que Baco projectara desencadear. ..

De facto, uma nuvem negra corria sobre a frota, e o vento crescia com enorme violência."

Outra informação (obtida em Wikipédia)

Os Doze de Inglaterra é o nome atribuído a uma história semi-lendária/semi-factual que é contada por Fernão Veloso e Luís Vaz de Camões, no canto VI do Lusíadas, que terá acontecido no reinado de D. João I de Portugal e de Eduardo III de Inglaterra, que demonstra uma história típica da conduta da Honra e comportamento de acordo com o Ideal cavaleiresco da Idade Média.

É uma história cavalheiresca passada na Europa medieval, que conta que doze damas inglesas foram ofendidas por doze nobres, também ingleses que alegavam que elas não eram dignas do nome *"damas"* visto as vidas que levavam e desafiavam quem quer que fosse para as defender com a força da espada.

As damas em questão viram-se na necessidade de pedir ajuda a amigos e parentes, tendo todos eles recusado a ajuda. Já não sabendo mais o que fazer decidiram pedir ajuda e conselho ao Duque de Lencastre, João de Gante, que tinha combatido pelos portugueses contra o reino de Castela e conhecia bem os portugueses. Assim este indicou-lhe doze Cavaleiros lusitanos capazes de defender a honra das referidas Damas.

Imagens e textos da Net

O "COMANDANTE SUPREMO" ACORDOU DA SUA LETARGIA…

"Viva a liberdade
Viva a alegria
Já não há patacas
Na tesouraria".

Música que se cantava no Quartel de Infantaria 2, em 1835.
"Não digo que tem pouco, digo que não tem nada".

Ministro da Guerra, no Parlamento, referindo-se ao Exército, em 28/6/1914.

O *"Comandante Supremo"* surpreendeu aparentemente algumas almas cândidas, ao falar exclusivamente sobre as Forças Armadas (FA) e militares, no discurso do pretérito dia 25 dos cravos. E desta vez fê-lo mais em tempo de presente e de futuro e não tanto em termos de passado.

O discurso teve eco – embora fraco – durante duas semanas.

Há décadas que se conhece a contínua degradação do aparelho militar do Estado e da Nação Portuguesa que a irresponsabilidade e o propósito político têm acicatado e a *"dormência"* das chefias militares sobre os seus deveres e responsabilidades, tem potenciado.

O Presidente da República também está fartinho de o saber e também pactuou ao longo da sua vida com o que se ia passando. Resolveu agora acordar da sua letargia e gritar como antigamente *"sentinela alerta",* mas o seu eco perdeu-se no silêncio do espaço. Esqueceu-se, porventura, que já não havia sentinelas, para lhe responderem *"alerta está"?*

Porque o fez agora? Bom, o momento era oportuno, por causa da emergência da guerra, ou lá o que seja, que está a acontecer na Ucrânia, com a OTAN a gritar às armas, e a UE a dar-se conta (coitadinhos), de que não têm armas nem pessoal, nem vontade para fazer nada. Resta-lhes dinheiro (emprestado) para atirar sobre os problemas…

Viu ainda (o PR) uma oportunidade de enviar umas farpas ao Governo, o que parece ir passar a ser uma constante; só não arrisco uma data para a queda do *"fair play"…*

E como se pediu qualquer coisinha a Portugal, nem mesmo assim quiseram assumir que têm muito pouco, para não dizerem que não têm nada, como o ministro em 1914…

A pobreza, mais do que franciscana, do desfile militar que quis comemorar o feito da Travessia Aérea do Atlântico Sul (possivelmente o maior feito individual dos portugueses em todo o século XX), foi disso testemunho. Até passámos pela vergonha do maior navio que por lá passou, ter sido um "*destroyer"* espanhol, cujo racional da sua presença também não se entende (que raio é que os espanhóis tiveram a ver com o evento?).

Ora, a nós parece que o PR não está muito preocupado com o estado terminal das *"suas"* tropas – que ele alardeia, algo ridiculamente, serem as melhores do mundo! –, senão já teria feito algo com substância, pois tal atitude não deve depender de um alarme qualquer nem de uma situação que o resguarde de eventuais críticas.

Além de que as capacidades se perdem muito rápida e facilmente, ao passo que levam muito tempo a construir.

Mas, enfim, vale mais tarde do que nunca, como sói dizer-se.

Mas não sendo o presidente atacado, também ninguém lhe ligou nenhuma, sendo apenas secundado nas suas preocupações por meia dúzia de comentadores e artigos de opinião.

A começar pelo (novo) governo que no seu estilo empaliativo e de esconder com uma mão o que faz com a outra, e a lata costumeira, veio dizer que estava tudo bem (sem deixar de afirmar que, sim senhor é preciso reforçar o esforço na Defesa e blá, blá) e que as verbas (até) já estavam todas previstas no novo Orçamento de Estado (OE), naturalmente equiparado à **oitava maravilha** da Antiguidade.

Aliás, o orçamento era tão bom, que foi logo objecto de uma facada de 800.000 euros, no âmbito da Defesa; foram ao orçamento da parte relativa à Marinha, da Lei de Programação Militar (LPM) e sacaram-lhe cinco milhões de euros para pagar (eu diria financiar) um qualquer acto de gestão de uma *"ficcionada"* empresa (pública) de defesa, que devia ser paga através de verbas de outra rubrica do OE e continuam a fazer derrapar essa mesma LPM – até hoje não houve uma única que tenha sido sequer razoavelmente cumprida. Esperemos que o Tribunal de Contas não deixe de verificar esta operação (a dos cinco milhões) que parece muito mal contada.

Da nova Ministra da Defesa - finalmente chegou cá a moda idiota de pôr uma fêmea à frente da Defesa, só porque sim - nada há a esperar, pois mesmo que quisesse fazer algo, não a deixariam (tão pouco teria sido escolhida), além de que parece apenas interessada em coisas como a "*igualdade de género*", no "*racismo",* na integração de minorias sexuais, assexuadas, ou nem por isso; na "*linguagem inclusiva";* etc., e, naturalmente em tirar fotografias bonitas com todos. Ou seja, pode continuar a limpar as mãos à parede.

Nunca deve ter ouvido um tiro, nem em carreiras do dito, mas como já anda no meio faz tempo, conhece as siglas e o linguajar, pelo que terá mais jeito para o discurso redondo sem dizer disparates ou correr o risco de não entender os relatórios que porventura lhe façam sobre os paióis de Tancos, como o Tribunal de Santarém reconheceu ser o caso do seu antecessor Dr. Azeredo Lopes.

O seu querido PM Dr. (pró Lgbtq, etc.) Costa, que já mostrou ter uma personalidade algo vingativa e, seguramente assanhado, pelas trapalhadas havidas com o seu ministro Cravinho; as contrariedades surgidas na substituição do anterior Chefe da Armada e com o mau hálito que ficou da discussão sobre a escusada reorganização da estrutura superior das FA, vai continuar a castigar a "*tropa",* com o seu natural e democrático, desprezo e desdém.

Para já fez uma "chincuelina" ao PR. Olé.

Como a pressão deve ter sido alguma relativamente à actualização dos vencimentos e à gestão normal das promoções – um escândalo inadmissível que vem do tempo da *"troika"* (e se foi mantendo até hoje), medida dez vezes mais gravosa do que o malfadado decreto-lei 373/73,que deu origem ao 25 do quatro) e que só se mantém por inusitada perfídia política e correlativa cobardia nas fileiras, lá prometeram tratar de um e de outro. Mas não disseram quando…

E todos, de um modo geral, puseram de lado a hipótese de se voltar a um serviço militarque abrangesse a totalidade dos cidadãos.

A senhora ministra veio até dizer que o SMO (que nunca quiseram que fosse "*serviço*" nem *"militar"* nem "*obrigatório"* – cruz credo), não serve as necessidades das FA de hoje.

Senhora ministra terá que explicar isto melhor.

Mas eu vou ajudá-la: o SMO não tem propriamente a ver com as FA, mas sim com a Defesa e Segurança (conceitos com os quais o seu ministério nunca se preocupou), tem a ver com as componentes cívica e moral dos jovens e com a coesão do todo nacional. E tudo isso não é contabilizável em euros.

É evidente que nem todos os chamados às fileiras, fariam parte da componente operacional permanente a haver, para a qual seriam selecionados apenas uma parte, mediante adequada formação e compensação, ao contrário do que se passa agora, em que nem sequer os nacionais querem concorrer, tirando alguns "*migrantes".* Já se interrogou porquê? E quer ouvir a verdade? (olhe que o mesmo problema já chegou também à PSP e à GNR…diria até que aos professores da primária e do liceu).

E teria que se montar um sistema de treino de reservistas (a sério), para se dispor de reservas minimamente credíveis – como por exemplo, se deu a conhecer agora que os finlandeses possuem.

Não parece, pois, que algo vá mudar.

As causas dos problemas continuam viçosos e ninguém - repito, ninguém (e desta vez é mesmo ninguém) as quer ver, muito menos apontar.

Resta-nos cantar então, com a alegria dos infantes do "*Dois",* nos idos de 1835.

João José Brandão Ferreira
Oficial Piloto Aviador (Ref.)

Jornal comunitário em Português | Journal communautaire en Français

Russie / Chine : Quand le Pire Approche à Grands Pas

par Gordon G. Chang

Traduction du texte original: Russia and China: The Worst Moment in History Coming Soon

La Russie a élaboré une doctrine nucléaire dite de « l'escalade pour la désescalade » ou plus précisément de l'« escalade pour gagner » laquelle consiste à menacer d'utiliser des armes nucléaires au premier jour d'un conflit conventionnel. Ce n'est pas un bon signe que la Russie, la Chine et la Corée du Nord menacent en même temps d'user les armes mes plus destructrices du monde. Photo : des lanceurs mobiles de missiles balistiques intercontinentaux lors d'un défilé militaire à Moscou, en Russie, le 24 juin 2020. (Photo de Sergey Pyatakov - Host Photo Agency via Getty Images)

Le 1er mai, sur Russian TV, Dmitry Kiselyov, un présentateur souvent qualifié de *« porte-voix de Poutine »,* a exhorté le président russe à faire exploser un drone sous-marin de type Poséidon porteur d'une *« ogive pouvant atteindre 100 mégatonnes ».* La détonation, a ajouté Kiselyov, génèrerait un raz de marée de 500 mètres de haut qui *« coulerait la Grande-Bretagne dans les profondeurs de l'océan ».* La vague atteindrait la moitié du plus haut sommet d'Angleterre, le Scafell Pike.

« Ce raz-de-marée serait aussi terriblement radioactif » a souligné Kiselyov. *« S'il déferlait sur la Grande-Bretagne, le pays serait transformé en désert radioactif, aride et incultivable. Qu'en pensez-vous ? »*

« Un seul lancement, Boris, et l'Angleterre cessera d'exister », a déclaré Kiselyov, au Premier ministre britannique.

Cette menace n'a rien eu d'isolé. Le 28 avril, dans « 60 Minutes », émission diffusée sur Channel One de Russian TV, Aleksey Zhuravlyov, président de Rodina, un parti russe pro-Kremlin, a exhorté Poutine à lancer un Sarmat, le plus gros et plus puissant missile au monde, sur la Grande-Bretagne.

Dans cette émission, on apprenait qu'un missile lancé depuis l'enclave russe de Kaliningrad atteindrait Berlin en 106 secondes, Paris en 200 secondes et Londres en 202 secondes.

L'OTAN a surnommé le Sarmat, « Satan II ».

Poutine s'est lui-même livré à quelques facéties. Juste avant d'envoyer ses troupes franchir la frontière ukrainienne, il a mis en garde contre *« des conséquences sans précédent dans votre histoire »*. Le 27 février, ses forces nucléaires ont été placées en alerte maximale. Le 1er mars, le dirigeant russe a sorti ses sous-marins lanceurs de missiles balistiques et ses lanceurs de missiles mobiles basés à terre à l'occasion de *« manœuvres militaires* ». Le 4 mai, le ministère russe de la Défense a annoncé qu'auraient lieu à Kaliningrad des *« lancements électroniques »* de son missile balistique mobile à capacité nucléaire Iskander.

La Russie a élaboré une doctrine nucléaire dite de *« l'escalade pour la désescalade »* ce qui peut se traduire par une doctrine de l'*« escalade pour gagner »*, laquelle consiste à brandir l'arme nucléaire au premier jour d'un conflit conventionnel.

La Chine, qui a annoncé le 4 février, dans un communiqué conjoint, un partenariat sans limites avec la Russie, a depuis le début du siècle, régulièrement menacé de détruire les villes des États qui l'ont offensée d'une manière ou d'une autre. En juillet de l'année dernière, le régime chinois a menacé le Japon d'une attaque nucléaire en raison de son soutien à Taïwan. En septembre, la Chine a proféré une menace similaire contre l'Australie parce qu'elle avait rallié AUKUS, une alliance stratégique régionale, au côté des États-Unis et du Royaume-Uni. En mars dernier, le ministère chinois de la Défense a promis les « *pires conséquences »* aux pays qui aideraient Taïwan à se défendre. Une menace qui visait surtout l'Australie.

Ce mois-ci, la Corée du Nord a déclaré que non seulement elle utiliserait des armes nucléaires pour se défendre, mais qu'elle pourrait également les utiliser pour attaquer d'autres pays.

Cela n'est pas un bon signe quand la Russie, la Chine et la Corée du Nord menacent en même temps d'utiliser les armes les plus destructrices du monde.

Pourquoi les régimes les plus dangereux de la planète profèrent-ils de telles menaces ?

Tout d'abord pour intimider ainsi que Poutine l'a montré au monde. Comme Peter Huessy, Senior Fellow du Hudson Institute, me l'a dit en mars, escalader pour gagner part du principe que les menaces nucléaires vont « *contraindre un ennemi à se retirer et à refuser le combat »*. Les démocraties occidentales se sont ainsi largement retirées et ne se battent pas directement en Ukraine. Pékin et Pyongyang veulent des succès similaires.

Ensuite, Poutine et le président chinois Xi Jinping menacent parce qu'ils n'ont aucun respect pour les nations qu'ils considèrent comme ennemies. *« Le retrait bâclé d'Afghanistan et la réticence à soutenir efficacement l'Ukraine malgré notre garantie de 1994 ont conduit les ennemis dotés d'armes nucléaires à multiplier les menaces contre les États-Unis et leurs alliés »*, a déclaré Huessy, également président de GeoStrategic Analysis à Gatestone au début de ce mois. « *Ils pressentent une faiblesse américaine qui va aller croissant. »*

« Comme Vladimir Poutine, le Parti communiste chinois n'a plus peur du pouvoir américain », m'a affirmé Richard Fisher de l'International Assessment and Strategy Center (Virginie, Etats Unis) peu après l'invasion de l'Ukraine par la Russie. « *Les menaces nucléaires de la Chine sont un signe d'arrogance du Parti face aux Etats Unis qu'ils perçoivent comme une puissance affaiblie ; elles mettent en lumière les risques nés de l'absence d'une dissuasion nucléaire régionale américaine et éclairent également les carences du leadership américain. »*

Enfin, ces menaces peuvent également être la conséquence de problèmes internes. Nombre d'experts affirment que depuis la Seconde Guerre mondiale, les moments les plus dangereux ont été l'affrontement de Checkpoint Charlie à Berlin en octobre 1961 et la crise des missiles cubains d'octobre 1962. Kennedy et Khrouchtchev savaient néanmoins qu'en aucun cas, ils ne devaient franchir le seuil nucléaire. Poutine et Xi sont-ils habités de la même certitude ? Rien n'est moins sûr.

Il n'est pas exclu non plus que les dirigeants de ces régimes aient en commun une mentalité de reclus-dans-le-bunker-du-dernier-jour-. Les régimes russe et chinois, chacun à leur façon, sont en état de détresse, ce qui signifie que leurs dirigeants sont en position instable.

Quelle que soit la raison, Poutine et Xi ont proféré leurs menaces à la face du monde entier ; menace que curieusement, les dirigeants occidentaux semblent déterminés à ne pas prendre au sérieux.

Le président Joe Biden a déclaré le 28 février que le peuple américain n'avait pas à s'inquiéter des menaces nucléaires russes. Il pourrait se tromper.

Conformément à la rationalité occidentale, les présidents et premiers ministres ont presque toujours ignoré les menaces nucléaires, histoire de ne pas leur accorder un statut de premier plan. Cette posture a toutefois l'inconvénient de pousser les imprécateurs à la surenchère. Plus la communauté internationale fera mine d'ignorer les belligérants russe, chinois et nord-coréens, plus les confrontations risquent d'être dangereuses.

C'est donc à grande vitesse que le monde s'approche du pire moment de l'Histoire.

« Une guerre nucléaire ne peut être gagnée et ne doit jamais être menée », a déclaré Biden en juin de l'année dernière. Peut-être. Poutine a prononcé les mêmes mots que le président américain, mais il n'est pas exclu qu'il imagine pouvoir en mener une et même la gagner.

Gordon G. Chang, auteur de The Coming Collapse of China, est Distinguished Senior Fellow du Gatestone Institute et membre de son Conseil Consultatif.

A SEGURANÇA GLOBAL: DESAFIOS E OPORTUNIDADES PARA ÁFRICA

INTRODUÇÃO

O fenómeno da crescente globalização e o seu impacto directo na economia, finanças, no desenvolvimento e na segurança, molda a sociedade em que vivemos. A esta nova realidade está associado um contexto geopolítico desafiante em que as Organizações e os Estados desempenham um papel fundamental no que diz respeito à criação de condições de segurança no sentido de contribuir para o desenvolvimento da sociedade, uma vez que a segurança global passa a ter importância máxima nas agendas internacionais.

Decorrente da importância da segurança global aquelas que são as actividades e iniciativas estratégicas desempenhadas pelas Organizações e pelos Estados passam a decorrer através de um processo dinâmico e interdependente. Deste modo, a colaboração estratégica entre a cooperação bi e multilateral, envolvendo actores estatais e não estatais passa a ser mais relevante no mundo global e principalmente no continente africano, onde a relação e o equilíbrio entre desenvolvimento e segurança é fundamental para as sociedades e também para o resto das comunidades contemporâneas mundiais.

Principais ameaças que afectam as empresas e os Estados em África. São múltiplas as situações consideradas como ameaças que afectam as empresas e os Estados em África e que, consequentemente, têm impacto na sociedade. Ana Carina Franco centrou a sua intervenção nas "*…questões de paz e segurança ao nível das parcerias de África com a União Europeia, Estados Membros da União Europeia, EUA e outros parceiros menos tradicionais assim como a Rússia, que têm apoiado Estados africanos na segurança e defesa dos seus territórios…." Acontece que existe um impasse nas parcerias e acções destes actores externos em África. Isto resulta, em grande medida, de uma "vontade e necessidade de alguns estados africanos em diversificar parceiros externos, e saída (reposicionamento) de outros mais tradicionais, ex. França e, até certo ponto, a União Europeia."*

Tendo em conta o panorama geopolítico global da segurança, entre os vários riscos que existem, Luca Bussotti identifica que o *"risco "total" e complexo é o da guerra e dos conflitos"* mais concretamente o terrorismo, uma vez que actividades ligadas a este representam aquelas com maiores fatalidades em países africanos no período de 2020-2021. Com isto, Luca Bussotti afirma que *"…terrorismo representa uma das ameaças mais sérias para o continente africano hoje…" presente em diversas regiões de África, entre as quais a Nigéria e Moçambique.*

Simultaneamente o ressurgimento de diversos golpes de Estado faz com que estes constituam uma das mais comuns modalidades para mudanças políticas em África, representando assim a outra face do terrorismo. Como base do terrorismo temos a configuração do Estado africano considerado por Luca Bussotti como autoritário, mas também *"fraco"* no que diz respeito ao controlo de um dos três elementos do Estado, o território. Este modelo definido como autoritário, mas fraco, é de interessante análise, uma vez que dele decorrem revoltas populares como por exemplo a Primavera Árabe e mais recentemente o terrorismo aberto em Moçambique. Estas situações devem-se precisamente às características do Estado, ao modelo não inclusivo que limita actividades de actores sociais e políticos e que resulta em eleições fraudulentas. A realidade neste modelo é a existência de, segundo o investigador, uma submissão dos serviços de inteligência "*…a prioridades políticas que visam tutelar mais a figura do líder carismático do que a segurança do Estado…"*

Na mesma linha de pensamento, Miguel Ajú considera que a falta de segurança e Estado de Direito, bem como a ameaça do terrorismo, representam as principais ameaças às empresas e Estados em África. No entanto, não é possível descartar as alterações climáticas como uma das principais ameaças que África enfrenta hoje. Basta olharmos para o que está a acontecer na região do Corno de África que inclui países como Somália, Etiópia e Quénia que estão, segundo as Nações Unidas, numa situação alarmante devido ao impacto da seca que agrava o risco crescente de deslocados internos (IDPs), fome e desnutrição, incluindo mortes. Porém, esta não é uma situação recente, afinal, os actuais problemas de seca já eram visíveis, desde a necessidade de assistência humanitária na Somália, até a seca prolongada na Etiópia e no Quénia, situações que não são isoladas e que vêm fomentando conflitos civis.

Para além do referido, a existência de ameaças internas e externas, o crescimento demográfico descontrolado, o desemprego juvenil e as divisões étnicas estão, segundo Miguel Ajú, "*…a minar a capacidade dos Estados e das Empresas de desempenharem suas tarefas, levando, em última análise, a instâncias de colapso social…"*

Ramos da Cruz retoma a ideia de que as principais ameaças decorrem dos três elementos do Estado (território, soberania, população), mais precisamente da falta de controlo do território. Refere ainda problemas como a fome constatando que o objectivo da "*fome zero"* estipulado em 2014, pouco ou nada realizado; refere também a elevada dívida externa e a consequente e insustentável dependência de outros Estados (ex: China); a pirataria que põe em causa a segurança económica energética, sendo este sector muito estratégico para os Estados nacionais. Outra das ameaças que afecta os africanos e África é a corrupção, mais concretamente a questão das riquezas delapidadas por grupos privilegiados colocando em causa o bem comum das populações, e por último, consequência do anterior, o mercado de emprego insuficiente que se deve, em grande parte aos grandes movimentos migratórios que levam os jovens emigrar e a procurar melhores condições de vida, resultando num detrimento e fuga de mão de obra qualificada.

Desafios e oportunidades para as empresas e para os Estados em África
Neste paradigma inovador de segurança global, para fazer face aos actuais riscos e ameaças securitárias emergentes, importa analisar e debater a correlação entre os principais desafios e oportunidades que se colocam aos Africanos e a África.

Parcerias com actores não continentais no âmbito do desenvolvimento de uma diplomacia energética, que até agora ausente, constituem simultaneamente uma oportunidade e um desafio deste continente. Por concentrar em si muita diversidade e muita riqueza tem certamente um papel a desempenhar na variação de fontes energéticas. Ana Carina Franco referiu a oportunidade clara para finalmente se potenciar a diplomacia energética e incremento de relações comerciais em alguns sectores, como o fornecimento de cereais, minerais e outros produtos. As energias renováveis, como por exemplo a solar, também têm um potencial claro no desenvolvimento desta diplomacia energética e estratégica, que poderá combater a ainda forte exploração e fornecimento de gás natural de países como Moçambique ou Argélia. Miguel Ajú ressalva a necessidade de uma *"exploração ordenada, criteriosa e desimpedida dos recursos naturais, respeitadora do meio ambiente, acessível a todos os actores legítimos e benéfica para os cidadãos nacionais e estrangeiros, para que ninguém se sinta excluído".*

Os desafios a nível económico são consequência, em parte, da segurança global e de um certo capitalismo interno fraco e parasitário; posto isto o continente africano não é imune ao aumento da inflação global, que vai levar a alterações significativas nos mercados e políticas monetário-financeiras. Para tal é oportuno melhorar os acordos comerciais entre entidades públicas e privadas estrangeiras, veja-se o caso da UE que usou a cimeira UE- África (em fevereiro 2022) para lançar a iniciativa Global Gateway e rivalizar com a iniciativa Belt and Road da China (300 biliões EUR a nível mundial).

Noutra perspectiva económica proposta por Luca Bussotti, o acesso ao crédito é um dos maiores desafios, pois 70% dos pedidos de créditos apresentados junto de bancos africanos nem é considerado. Isto é determinado pelo facto de os bancos locais continuarem com a lógica ocidental de querer garantias patrimoniais sólidas, que a maioria dos africanos não possui. E tal postura representa um obstáculo enorme para que o sector informal (que constitui a larga maioria da economia africana) ou os pequenos empreendedores possam desenvolver os seus negócios.

O crescimento constante da população africana (questões demográficas) é uma oportunidade, pois o mercado potencial de consumidores vai-se alargando, tornando mais atractivo o investimento, interno assim como externo; entretanto, se as condições socio económicas não melhorarem, o incremento demográfico representará um enésimo desafio a que será difícil responder. Decorrente dos desafios económicos, o desenvolvimento industrial mostra-se necessário, na medida em que a industrialização,

inclusive de sectores quais o turismo, as tecnologias, as comunicações, representa um elemento central para substituir as importações de que ainda a maioria dos países africanos depende. E dessa forma investir na formação humana e tecnológica.
A nível das parcerias no sector da segurança (e/ou do nexo segurança-desenvolvimento), Ana Carina Franco relembra a existência do grupo militar Wagner. Este está muito presente na República Centro Africana, maioritariamente nas zonas de extração mineira, e com fortes ligações ao governo russo. Existe por inerência uma fácil influência russa nas políticas e estratégia deste país em concreto, dificultando a percepção dos principais interlocutores e actores políticos. Isto é visível depois nas relações entre parceiros europeus, africanos e americanos. Por exemplo, a UE vê as suas missões postas em causa, por exemplo a missões de formação militar da União Europeia na República Centro-Africana e no Mali, EUTM RCA e EUTM Mali.

Principais contributos futuros de África para a segurança global
África enquanto potência continental una e indivisível, pode contribuir significativamente para a segurança e defesa global. Os contributos incidem sobre diversas áreas e sobre diversos actores políticos – Estados e Empresas -, o que revela a importância, galopante, deste continente no cenário internacional. Jeffrey Sachs, professor e economista americano da Columbia University, refere que "*…a importância do continente africano para a segurança global aumentou dramaticamente nas últimas duas décadas...".*

Luca Bussotti defende que *"…a maior contribuição de África para a estabilidade internacional e a paz seria, em primeiro lugar, uma estabilidade maior dos próprios Estados do continente…".* Isto não significa, como muitas vezes a literatura e os autores económicos sobretudo ocidentais entendem, *"cristalizar"* a situação política. Anestesiar o debate e negar, de facto, a possibilidade de um jogo democrático interno representa a forma melhor para desestabilizar o continente africano. O que a África precisa são governos e culturas institucionalmente estáveis, com uma continuidade institucional que vai além da primazia do partido no poder.

A nível político-militar, as opiniões são unânimes, consolidar a segurança regional com a participação dos Estados Africanos em organismos multilaterais, nomeadamente o envio de mais tropas africanas em missões de apoio à paz, constitui uma forte e importante contribuição. A óptica seria continuar a desempenhar um papel como actor ou agência credível capaz de contribuir para elaboração e afirmação de normas e políticas internacionais de paz e segurança, mais concretamente através da ONU uma vez que a assembleia é composta por cerca de 27% por Estados Africanos, reforçando o multilateralismo.

Em terceiro lugar o que África poderá oferecer ao mundo prende-se com o papel e desempenho da União Africana, partindo do princípio que esta organização não funcionana na sua plenitude. A acção da União Africana, enquanto projecto regional/continental, tem-se mostrado, politica e militarmente, muito aquém do esperado. É apontado uma ineficácia desta organização que em parte resulta de uma dependência externa – da União Europeia. No pensamento de Miguel Ajú, *"espera-se que os Estados Africanos continuem também com a consolidação das estruturas estatais e alcancem a sua autonomia".* Que combatida pela enfatização da paz mundial deixaria *"a União Africana vingar".*

Para além dos demais, um contributo, pouco consensual e pouco discutido, que os Estados Africanos podem dar à comunidade internacional, prende-se com o facto de trabalhar na segurança alimentar, ou seja, privilegiar e desenvolver o sector primário enquanto campo da actividade económica referente à produção de matérias-primas, muito importantes para manutenção da vida humana e que podem vir a constituir um problema de segurança à escala mundial. O objectivo principal passaria por aproveitar os solos férteis do continente e especializar as comunidades e empresas nacionais nas culturas, as endógenas como as exógenas. Capacitar as populações e as empresas, através de políticas públicas concertadas, fomentaria o agronegócio e consequentemente toda a cadeia de valor que daí resultaria. O contributo mundial focar-se-ia assim em alterar o ciclo de uma simples produção e exportação de produtos, substituindo-o por um ciclo completo de produção, transformação e venda dos produtos agrícolas.

Conclusão

Após a análise e o debate relativamente aos principais desafios e oportunidades que se colocam aos africanos e a África para o século XXI, pode-se concluir que a aposta central passaria pelo multilateralismo, mais concretamente no combate às contradições e competições económicas assentes numa lógica de insurgência e de não coordenação nos conflitos e na acção externa, e mais na cooperação entre Estados africanos, com partilha de aprendizagens entre regiões.

As opiniões são unânimes, para que a segurança global se efective através de África, essa efectivação dividir-se-ia em dois grandes objectivos e contributos bastante relacionados: um primeiro, que se pauta por uma remodelação junto da organização das Nações Unidas face à nova mundividência que surge e o novo paradigma que a fundamenta; e um segundo, que culminaria no reforço do papel da União Africana, enquanto organismo político responsável, que carece de união interna e que a leva a não funcionar plenamente em matérias de segurança, defesa e paz.

O tema aqui expresso suscita ainda muito debate na sociedade académica e política, tanto pela sua polivalência como pela sua extrema importância. A multi variedade dos actores africanos permanecerá para sempre sobre um estudo intensivo, principalmente sobre a alçada da defesa e segurança.

Lisboa, 30 de Março de 2022

Diogo Cunha
Sofia Arantes

J Y M ARCHITECTURE
Services & Plans D'Architecture
Résidentiel • Rénovation • Commercial • Multiplex

Jean-Yves Mesquita T.P.
Technologue en Architecture
Cel. 514.972-9985 • @:info@jymarchitecture.com • www.jymarchitecture.com

ORDRE DES TECHNOLOGUES PROFESSIONNELS DU QUÉBEC

A História da Catedral de Notre Dame em Fotos

O Editor: Laura D.

Alguns pontos de referência são praticamente sinônimos de Paris: o Louvre, o Moulin Rouge, o Champs Élysées, o Arco do Triunfo, a Torre Eiffel e a Catedral de Notre Dame.

Em 15 de Abril de 2019, durante as contínuas reformas na igreja icônica, um incêndio espalhou-se, dizimando a torre mais alta e o telhado da igreja, enquanto milhões de pessoas em todo o mundo assistiam horrorizadas. Podemos não saber se a Notre Dame algum dia retornará à sua antiga glória, mas a memória e a história da catedral gótica que Victor Hugo tanto amou permanecerão para sempre.

A Catedral Notre Dame de Paris (literalmente "*nossa senhora de Paris")* é verdadeiramente antiga. Sua construção começou nas margens do Sena em meados do século XII e foi concluída quase duzentos anos depois.

A Catedral ilustrada na página de um livro do século XV.

Embora o incêndio recente possa representar o maior dano estrutural à catedral, ela já passou por muitas turbulências em seus mais de 850 anos de existência. Em 1548, algumas das estátuas da igreja foram vandalizadas pelos huguenotes (protestantes franceses) que as consideravam idólatras. Além disso, durante a Revolução Francesa, cidadãos revoltosos saquearam ou destruíram grande parte dos tesouros da igreja e "*decapitaram*" várias estátuas de reis bíblicos na fachada da catedral. As cabeças só foram encontradas em 1977 e estão agora em exposição no Musée de Cluny.

Ilustração dos amotinados que vandalizam a Catedral.

Os corpos e cabeças dos reis bíblicos «decapitados».

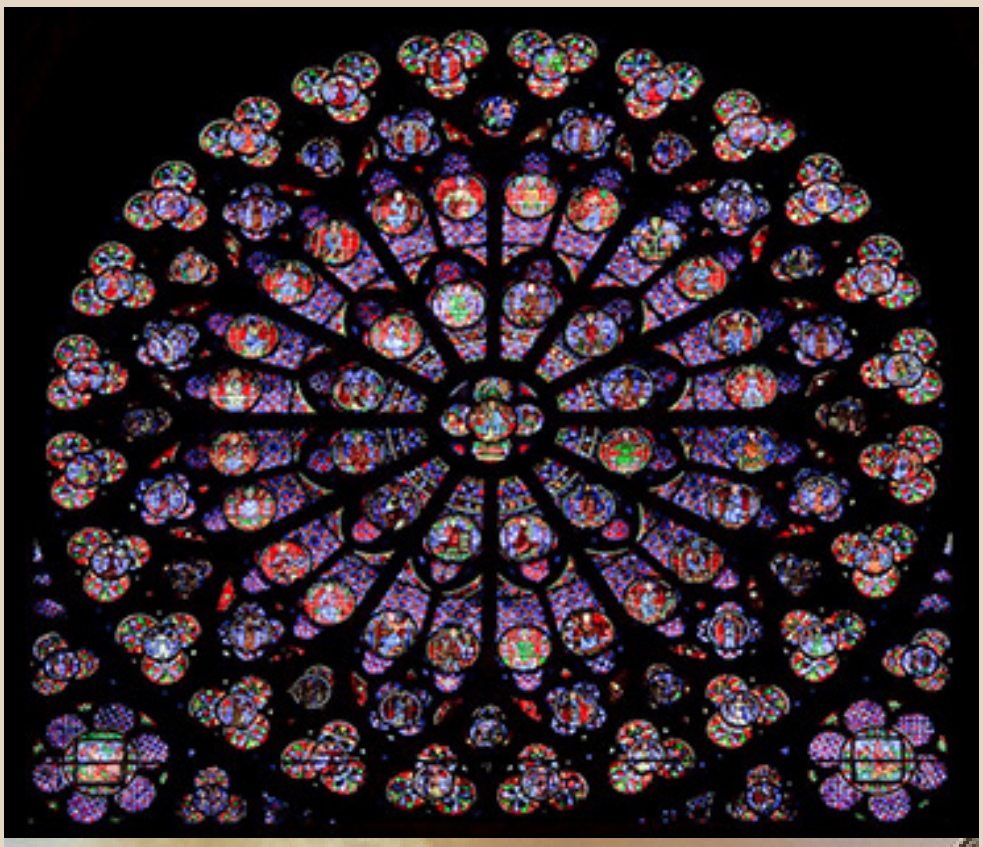
Jean-Pierre Dalbéra

Foi apenas uma década depois que Napoleão devolveu a Catedral à propriedade da Igreja, mas estava em péssimo estado de abandono. Somente após o grande sucesso comercial do romance de Victor Hugo, *O Corcunda de Notre Dame*, que o rei Louis Philippe ordenou grandes reformas na Catedral.

Victor Hugo, através de seu romance best-seller, *O Corcunda de Notre Dame,* causou um interesse ressurgente na catedral

A Catedral após os reparos que foram terminados em 1860. Os blocos em torno da estrutura são evidência da renovação.

Aconteça o que acontecer agora, em nossos corações a Catedral atemporal permanecerá sempre como Victor Hugo a imaginou: majestosa, grandiosa, linda.



Para reflexão de todos ...

A última Aula de um Grande Professor que desistiu de dar aulas a péssimos alunos.

"Depois de muitos e muitos anos, hoje dei a última aula na Universidade.

Cansei-me de lutar contra os telemóveis, contra o whatsapp e contra o facebook. Ganharam-me. Rendo-me. Atiro a toalha ao chão.

Cansei-me de falar de assuntos que me apaixonam perante jovens que não conseguem desviar a vista do telemóvel que não pára de receber selfies.

Claro que nem todos são assim. Mas cada vez são mais.

Até há três ou quatro anos a advertência para deixar o telemóvel de lado durante 90 minutos, ainda que fosse só para não serem mal-educados, ainda tinha algum efeito.

Agora não. Pode ser que seja eu, que me desgastei demasiado no combate. Ou que esteja a fazer algo mal.

Mas há algo certo: muitos desses jovens não têm consciência do efeito ofensivo e doloroso do que fazem. Além disso, cada vez é mais difícil explicar como funciona o jornalismo a pessoas que o não consomem nem vêem sentido em estar informadas.

Esta semana foi tratado o tema Venezuela. Só uma estudante entre 20 conseguiu explicar o básico do conflito. O muito básico. O resto não fazia a mais pequena ideia. Perguntei-lhes (...) o que se passa na Síria? Silêncio. Que partido é mais liberal ou que está mais à 'esquerda' nos Estados Unidos, os democratas ou os republicanos? Silêncio. Sabem quem é Vargas Llosa?

Sim!

Alguém leu algum dos seus livros? Não, ninguém! Lamento que os jovens não possam deixar o telemóvel, nem na aula. Levar pessoas tão desinformadas para o jornalismo é complicado.

É como ensinar botânica a alguém que vem de um planeta onde não existem vegetais. Num exercício em que deviam sair para procurar uma notícia na rua, uma estudante regressou com a notícia de que se vendiam, ainda, jornais e revista na rua.

Chega um momento em que ser jornalista é colocar-se na posição do contra. Porque está treinado a pôr-se no lugar do outro, cultiva a empatia como ferramenta básica de trabalho.

E então vê que estes jovens, que continuam a ter inteligência, simpatia e afabilidade, foram enganados, a culpa não é só deles. Que a incultura, o desinteresse e a alienação não nasceram com eles.

Que lhes foram matando a curiosidade e que, com cada professor que deixou de lhes corrigir as faltas de ortografia, os ensinaram que tudo é mais ou menos o mesmo. Então, quando compreendemos que eles também são vítimas, quase sem darmos conta vamos baixando a guarda.

E o mau é aprovado como medíocre e o medíocre passa por bom, e o bom, as poucas vezes que acontece, celebra-se como se fosse brilhante. Não quero fazer parte deste círculo perverso. Nunca fui assim e não serei assim. *O que faço sempre fiz questão de o fazer bem. O melhor possível. E não suporto o desinteresse face a cada pergunta que faço e para a qual a resposta é o silêncio. Silêncio. Silêncio. Silêncio. Eles queriam que a aula terminasse. Eu também."*

"Talvez o pior de tudo isto, seja o facto de aqueles alunos irem ser Adultos amanhã, sem terem crescido nem amadurecido, cheios de Direitos, sem Deveres nem Responsabilidade… alguns até Políticos ou Governantes"

"Às vezes ouço passar o vento; e só de ouvir o vento passar, vale a pena ter nascido"